




organizadoras
Angela Guida
Patrícia Rocha

DE PROFESSORES:

para uma política
da artistagem
docente





organizadoras
Angela Guida
Patrícia Rocha

DE PROFESSORES:

para uma política
da artistagem
docente



· São Paulo · 2021 ·



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i>	Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i>	Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>
Alexandre Antonio Timbane <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>	Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Pires de Moraes <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i>	Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>



- Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
- Daniel Nascimento e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil
- Danielle Aparecida Nascimento dos Santos
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Delton Aparecido Felipe
Universidade Estadual de Maringá, Brasil
- Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
- Doris Roncareli
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
- Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Emanoel Cesar Pires Assis
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
- Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
- Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil
- Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil
- Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil
- Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
- Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
- Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
- Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela
- Helciclever Barros da Silva Vitoriano
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil
- Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
- Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra
- Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
- Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil
- Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil
- Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
- Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
- José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
- Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
- Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
- Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil
- Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil



Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karlla Christine Araújo Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria de Fátima Scaffo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Isabel Imbronito
Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Sandra Montenegro Silva Leão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério
Universidade Federal do Ceará, Brasil



Ramofly Bicalho Dos Santos

Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes

Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira

Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Taiza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade de Brasília, Brasil

Thiago Guerreiro Bastos

Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário

Canoca, Brasil

Thyana Farias Galvão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior

Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Walter de Carvalho Braga Júnior

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Wagner Corsino Enedino

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil



PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle - Canoas, Brasil

Adriana Flavia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alessandra Dale Giacomini Terra
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alessandro Pinto Ribeiro
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Marques Marino
Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil

Aline Patricia Campos de Tolentino Lima
Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil

Ana Emidia Sousa Rocha
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Ana Iara Silva Deus
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ana Julia Bonzanini Bernardi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Luís Cardoso Tropiano
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

André Ricardo Gan
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Andressa Antonio de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Anne Karynne da Silva Barbosa
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Antônia de Jesus Alves dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Ariane Maria Peronio Maria Fortes
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Bianca Gabrieli Ferreira Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruna Donato Reche
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Camila Amaral Pereira
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Carolina Fontana da Silva
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carolina Fragoso Gonçalves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Cecília Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Cíntia Moralles Camillo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Claudia Dourado de Salces
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Cleonice de Fátima Martins
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiano das Neves Vilela
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Elisiane Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil



Fabrcio Tonetto Londero
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Francisco Geov Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espirito Santo, Brasil

Germano Ehlert PolInnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Glauco Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Handherson Leyllton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rim
Universidade Federal da Paraiba, Brasil

Jeane Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraiba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goias, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa
Universidade Federal do Espirito Santo, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espirito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugins
Universidade La Salle, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundcao Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piaui, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Samuel André Pompeo
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho, Brasil*

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, Brasil*

Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Schiefelbein
Assistente editorial	Caroline dos Reis Soares
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Laura Linck
Editoração eletrônica	Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbidia
Imagens da capa	Nimerian, Plutmaverick - Freepik.com
Revisão	Angela Guida Patrícia Rocha
Organizadoras	Angela Guida Patrícia Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P111 P de professores: para uma política da
artistagem docente. Angela Guida, Patrícia
Rocha - organizadoras. São Paulo: Pimenta
Cultural, 2021. 146p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5939-262-9 (brochura)
978-65-5939-261-2 (eBook)

1. Educação. 2. Formação de professores.
3. História de vida. 4. Professor. 5. Escola.
I. Guida, Angela. II. Rocha, Patrícia. III. Título.

CDU: 371.13
CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.612

PIMENTA CULTURAL
São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



2 0 2 1

Sumário

P de PREFÁCIO ou uma
estória de como nasceu este livro 15
Angela M. Guida

Capítulo 1

P de professora
Bruna Letícia Nunes Viana
ou educar e invenções
de mundos e(m) Matemáticas 31

Capítulo 2

P de Professor
Carlos Rodrigo Ozuna dos Santos 50

Capítulo 3

P de professor
Diogo Chadud Milagres
ou pêz que me habitam..... 66

Capítulo 4

P de Professor
Eduardo Mariano da Silva..... 78



Capítulo 5

P de Professora

Laís Carvalho Vieira Barbosa..... 90

Capítulo 6

P de Professora

Michele Cristina da Silva 101

Capítulo 7

P de Professor

Valter Rocha da Silva

ou de volta, professor: para o futuro 117

P de POSFÁCIO

e P de Patrícia..... 133

“Só dez por cento é mentira”

ou informações sobre

as autoras e os autores..... 139

Índice remissivo..... 145



Dedicamos este livro a professores de todos os lugares e, de modo MUITO ESPECIAL, ao professor Humberto Maturana, que nos acompanhou nas aulas da disciplina Filosofias e Artes na Educação Matemática e nos deixou exatamente em nossa última aula, 6 de maio de 2021, para ser, quem sabe, árvore, como o Bernardo de Manuel de Barros...



*O professor disserta
Sobre ponto difícil do programa.
Um aluno dorme,
Cansado das canseiras desta vida.
O professor vai sacudi-lo?
Vai repreendê-lo?
Não.*

*O professor baixa a voz
Com medo de acordá-lo.*
Carlos Drummond de Andrade

*O professor autoritário, o professor licencioso, o
professor competente, sério, o professor incompetente,
irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes,
o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo
e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum
desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.*

Paulo Freire

*No momento em que eu digo a vocês: “Per-
guntem”, e aceito que vocês me guiem com suas
perguntas, eu estou aceitando vocês como pro-
fessores, no sentido de que vocês me estão mos-
trando espaços de reflexão onde eu devo ir.*

Humberto Maturana



**P DE PREFÁCIO
OU UMA ESTÓRIA
DE COMO NASCEU
ESTE LIVRO**

Angela M. Guida



[...] E as aulas são algo muito especial. Uma aula é um cubo, ou seja, um espaço-tempo. Muitas coisas acontecem numa aula.

Deleuze

Vladimir¹: rrrrrr! rom-rom! Como é ser professora? Me conta?

Angela Mia² Guida: Te conto como é ser professora, mas não dessa maneira geral. Conto como me performei professora em uma disciplina chamada Filosofias e artes na educação matemática, que ministrei no primeiro semestre de 2021 no Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UFMS. Pode ser?

V: rrrrrr! rom-rom! adianta ronronar? Esse “pode ser” é puro eufemismo mesmo...

AMG: olha quem está ronronando. Vocês gatos, como diz Derrida, são rebeldes a qualquer conceito. Sei bem disso. São 18 anos que faz de conta que me atende, mas, a bem da verdade, só faz o que quer...

- 1 Gato com quem dividi a casa e a vida por 18 anos. Ele se foi, há 4 anos, numa manhã de outono...
- 2 Mia Couto, escritor de quem gosto imenso, quando criança, era tão apaixonado por gatos, que fez um pedido inusitado aos pais: que fosse chamado de Mia, em referência à “voz” dos gatos, afinal vivia tão intensamente entre os felinos que queria ser um deles. Seus pais, de pronto, acataram o pedido do menino António Emílio que, a partir de então se transformou em Mia Couto. Por gostar tanto de Mia Couto e, como ele, de gatos, neste livro gestado de forma tão especial, estou experimentando uma nova possibilidade de assinatura.



SUMÁRIO

V: mrrrrrow! meeaOOOW! “Nós, gatos, já nascemos pobres/ Porém, já nascemos livres”... O assunto aqui não sou eu. Deixe para falar de mim no livro que prometeu escrever sobre a nossa relação, há quatro anos, mas até agora nem uma linha sequer. Escuta aqui, você não acha comprometedor ficar de conversa com um gato?

AMG: não. O poeta Carlos Drummond de Andrade³ foi entrevistado pela cachorrinha Suzy e continuou sendo poeta, e dos bons, viu???

V: mrrrrrow! meeaOOOW mas você não é o Drummond.

AMG: obrigada por me lembrar... mas vamos ao que interessa. Após uns três ou quatro semestres sem ministrar aulas no PPGEdumat, decidi que o primeiro semestre de 2021 seria uma boa data para o recomeço. Fiquei dias pensando no título da disciplina. Queria um título poético e que desse conta de falar *com e pela* disciplina. Ah, eu queria também um título que contivesse palavras no plural. Quando pensei na disciplina, desejava algo diferente do que eu já havia feito, radicalmente diferen-

3 Em 1973, Drummond deu uma entrevista para o jornal *A voz dos que não falam* para a cachorrinha Suzy. Conta-se que, na época, ele andava tão avesso a entrevistas que teria se recusado até a dar entrevistas para o famoso jornal *O Pasquim*, mas não para a cachorrinha Suzy. O poeta mineiro foi seriamente comprometido com causas relacionadas ao bem-estar animal. Essa militância se encontra disseminada por sua obra e o jornal *A voz dos que não falam*, em que se permite ser entrevistado por um animal, é mais uma forma de chamar atenção para os viventes não humanos.



SUMÁRIO

te. Primeiro, decidi que a disciplina teria liberdade para acontecer, isto é, com o andar dos encontros, eu iria experimentando temas, textos, abordagens...

V: mrrrrrow! meeaOOOW mas isso é andar na corda bamba????!!! Assusta até a nós, gatos, que gozamos de boa fama de equilibristas.

AMG: Pois é. Mas eu tinha uma rede de proteção. “Não sou boba e aproveito”, diz Clarice Lispector lá no conto “O ovo e a galinha”. E eu, como Clarice, não sou boba e aproveitei materiais de cursos e disciplinas que já havia ministrado para deixar à espreita, caso a turma não aceitasse caminhar comigo. Desse modo, havia preparado “oficialmente” material para conduzir todas as aulas, com a esperança dançando na corda bamba de sombrinha...

V: mrrrrrow! meeaOOOW e o nome da disciplina? Por que gastou tanto tempo para escolher um simples nome? Estou curioso para saber. A curiosidade matou um gato, dizem por aí...

AMG: um nome nunca é simples. Se você lesse Guimarães Rosa saberia que sempre há o “quem das coisas”, o quem dos nomes. Me foi difícil perceber que era a liberdade para o acontecimento, a liberdade para o inaugural que estava travando minha capacidade para encontrar o nome da disciplina, porque

como eu poderia dar um nome que conseguisse falar pela disciplina, se eu ainda não sabia o que aconteceria durante sua travessia? Depois de muitos arranjos poético-linguísticos e já sabendo que o título ficaria sempre em dívida, me decidi por *Filosofias e artes na educação matemática*.

V: mrrrrrow! meeaOOOW ufa!!! E depois?

AMG: título escolhido, fui em busca de algo que eu pudesse apresentar no primeiro encontro e que fosse capaz de me dar a mínima esperança de que elas e eles fossem caminhar comigo. Quantos ensaios, você não imagina... Acho que Deleuze se orgulharia de mim por me ver ensaiando tanto na busca pela inspiração do primeiro encontro. Nesses ensaios cruzei com Sandra Corazza e me encantei por sua ideia de *artistagem*⁴...

V: mrrrrrow! meeaOOOW percebe-se. A *artistagem* está no título do livro.

AMG: a cada texto de Corazza, a cada *artistagem* dela meus ensaios foram se intensificando e, de tanto ensaiar,

4 "A *artistagem* é um conceito criado por Sandra Corazza para se referir, ao mesmo tempo, a uma estética, uma ética e uma política a se inventar; trata-se de fazer arte sem ser artista, uma prática que procura o *não-sabido*, o *não-olhado*, o *não-pensado*, o *não-sentido*, o *não-dito*" (CORAZZA, 2002, p. 15)" Disponível em: [http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/36118#:~:text=A%20artistagem%20%C3%A9%20um%20conceito,\(CORAZZA%2C%202002%2C%20p. Acesso: fim de tarde do dia 28 de maio, aniversário de morte do meu pai. Onze anos convivendo com a ausência dele...](http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/36118#:~:text=A%20artistagem%20%C3%A9%20um%20conceito,(CORAZZA%2C%202002%2C%20p. Acesso: fim de tarde do dia 28 de maio, aniversário de morte do meu pai. Onze anos convivendo com a ausência dele...)



SUMÁRIO

veio a inspiração: lembrei-me de um filme de Derek Jarman, de 1983, com o qual eu havia trabalhado na disciplina *Teorias Poéticas* do PPGEL no segundo semestre de 2020: *Blue*. Enviei o link de acesso para o filme e fiz um pedido à turma – que se mantivessem entregues apenas à experiência de assistir ao filme, que resistissem bravamente à tentação de ir à caça da fortuna crítica acerca da produção experimental do diretor britânico.

V: mrrrrrow! meeaOOOW pedir para a turma ver o *Blue* já foi demais, na minha humilde opinião felina, mas daí pedir para não buscar informações sobre o filme!!!! Você pediu pesado, hein????!!!!

AMG: para vocês gatos não tem graça mesmo ver um filme que é uma infinita tela azul. Só conseguem enxergar o mundo em preto e branco????!!!!

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! 18 anos de convivência comigo e ainda acredita em mitos relacionados a gatos????!!!! Nós gatos enxergamos sim outras cores e o azul é um pigmento ativo em nossa retina. A ciência comprova isso. Veja lá naquela famosa revista⁵ *nerds*. *Blue* é

5 Para quem estiver com tempo e quiser conferir a informação do Vladimir, é só passar por aqui. Super interessante <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/e-verdade-que-caes-e-gatos-enxergam-em-preto-e-branco/>. Acesso no final de tarde de 29 de maio de 2021, sábado quente, já quase na hora de sair para caminhar com a Luzia no Parque das Nações Indígenas, de Campo Grande, MS



SUMÁRIO

um filme parado demais, mas agora dão o nome chique de filme experimental, filme conceitual e blá,blá,blá.

AMG: agradeço o esclarecimento acerca da visão dos gatos, mas voltemos ao filme. Dado o grau de experimentalismo de *Blue*, eu tinha consciência de que estava pedindo algo difícil, mas mesmo assim pedi. Pedi e fui atendida.

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! A turma não se incomodou de tanto ver tela azul?????!! Aliás, quem te garante que alguém não deu uma olhadinha em algum site para ter a mínima ideia do que significava aquele derramamento de azul?

AMG: respondendo à primeira pergunta: sim, mas o propósito era esse: que se incomodassem, pois seria a partir daquelas afecções, no sentido proposto por Espinosa, que eu tentaria mais um passo, antes de me jogar de vez na corda bamba e, dessa vez, sem rede de proteção. Quando não foram caçar socorro para entender *Blue*, eu já sabia que poderia seguir com minha ideia de uma disciplina aberta, uma disciplina que fosse sendo construída ao longo dos encontros. Uma disciplina-travessia. Elas e eles fariam a travessia junto comigo, criaríamos, a exemplo de Humberto Maturana, nosso espaço de convivência. Com uma alegria no sentido de Espinosa, sentia que faltava pouco para eu guardar, no fundo da gaveta, o material que havia

deixado à espreita. Esperaria o start... Ah! Quanto a garantia, eu não a tinha; eu a senti...

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! O primeiro encontro foi só sobre o filme *Blue*?

AMG: não. *Blue* foi o toque de Midas pela intensidade da experimentação, mas dois outros textos compuseram a performance do primeiro encontro: “Aprendendo com o vírus”, de Paul B. Preciado e “Em que a filosofia pode servir a matemáticos ou mesmo a músicos mesmo e sobretudo quando ela não fala de música ou de matemática”, de Gilles Deleuze. Convivendo, há mais de um ano, com uma pandemia letal, que, até o momento desta escrita, fez quatrocentos e sessenta e três mil vítimas fatais, não poderia deixar o primeiro encontro passar sem qualquer referência a isso. Além do mais, o ensaio do Preciado colocava em xeque não só a minha aula, mas a de todos e todas que se “adaptaram” ao trabalho remoto. Eu dizia, entusiasmada, que era uma vantagem realizar a disciplina remotamente, porque estava com alunos e alunas em minha sala, que, talvez, se não fosse pelo ensino remoto, dificilmente poderiam estar ali e, ao mesmo



tempo, trabalhava com um texto que caminhava na direção contrária⁶.

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! Você não tem juízo!!! Levar um texto que te contradiz na primeira aula????? E o tal start, apareceu na primeira aula que teve filme só com tela azul e textos contraditórios?

AMG: olha Vladimir, se apareceu, confesso que não consegui perceber. No entanto, não me afligi, pois sabia que, com aquela turma, era só uma questão de tempo. Rumo ao segundo encontro! Para esse encontro, pedi que lessem um texto de Nietzsche – “ Verdade e mentira no sentido extramoral” e um capítulo do livro de Deleuze

6 Olhem só o danado do Preciado jogando um balde de água fria na minha euforia diante do ensino remoto... “Um dos deslocamentos centrais das técnicas biopolíticas farmacopornográficas que caracterizam a crise da Covid-19 é que o domicílio pessoal [...] aparece agora como o novo centro de produção, consumo e controle biopolítico. Já não se trata só de que a casa seja o lugar de confinamento do corpo, como era o caso da gestão da peste. O domicílio pessoal se converteu agora no centro da economia do teleconsumo e da teleprodução. [...] Essa mutação se estendeu e amplificou mais durante a gestão da crise da Covid-19: nossas máquinas portáteis de telecomunicação são nossos novos carcereiros e nossos interiores domésticos se converteram na prisão branda e ultraconectada do futuro. [...] Temos que aprender coletivamente a alterá-los. Mas também é preciso nos desalinhamos. Os Governos nos chamam ao confinamento e ao teletrabalho. Utilizemos o tempo e a força do confinamento para estudar as tradições de luta e resistência minoritárias que nos ajudaram a sobreviver até aqui. Desliguemos os celulares, desconectemos a internet. Façamos o grande blecaute perante os satélites que nos vigiam e imaginemos juntos a revolução que vem”. Se quiser conhecer mais um pouquinho das ideias que Paul B. Preciado defende acerca desse assunto, o caminho é esse: Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/>. Acesso no final da manhã de 29 de maio de 2021, enquanto aguardava o momento de fazer o almoço.

– *Espinosa e o problema da expressão*, a fim de que propusessem questões a partir dessas leituras. No entanto, foi o texto de Nietzsche que dominou as discussões e, ao final da aula, veio o start através da pergunta do Valter, aluno vindo de São Caitano, estado de Pernambuco. – “Professora, o que a senhora me diz da pós-verdade?” Lembro-me de ter brincado com ele – “não acredito nem na verdade, quanto mais na pós-verdade”. Mas no time da brincadeira, eu já pensava que o próximo encontro seria acerca da pós-verdade. Só estava ganhando tempo... O start havia sido dado – pós-verdade.

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! É aí que entra em cena nossa amiga Patrícia?

AMG: sim. Lembrei-me de que a professora Patrícia (e nossa amiga) andava bastante entusiasmada com um livro da Lúcia Santaella – *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Esse livro e outros, claro, já haviam rendido a Patrícia alguns artigos, capítulos de livro e discussões vigorosas no GP. Assim, encerrei o segundo encontro com a promessa de que o tema do terceiro encontro seria a pós-verdade e a Patrícia nos ajudaria a pensar os caminhos e descaminhos da pós-verdade.

V: você, eu já sei que gosta de fazer graça na educação matemática, mas quanto à Patrícia, eu não sabia. Ela aceitou?

SUMÁRIO

AMG: aceitou e fez ricas contribuições para a discussão em torno do tema pós-verdade, bem como, a partir de então, esteve conosco em todos os encontros. Não lembro o que deflagrou o start para o terceiro encontro, mas foi algo que nos levou ao tema “identidade”. As discussões acerca da identidade nos levaram ao tema do quarto encontro: “identidade do/da professor/a”. Entre os vários textos lidos para o quarto encontro, dois assumiram o protagonismo: “O que é ensinar”⁷, de Humberto Maturana e “P de professor”, de Deleuze. Esse encontro foi sobremaneira especial, pois nele nasceu a ideia deste livro e também pude apresentar à turma um dos grandes pensadores do século XXI – Humberto Maturana, semanas antes de ele falecer. Aliás, Maturana partiu no dia do nosso último encontro. Mas como assim? Eu mal acabava de apresentá-lo e ele já partia... Só agora, ao escrever este texto, percebo algo curioso acerca desses dois pensadores que tomaram conta do quarto encontro: foram considerados “donos do século”. Foucault teria dito que o século XX era deleuziano e a socióloga Aurora Rabelo, que fez o prefácio de *Emoções e linguagem na educação e na política*, disse o mesmo de Maturana em relação ao

7 Transcrito do trecho final da aula de encerramento de Humberto Maturana no curso de Biología Del Conocer, Facultad de Ciencias, Universidad de Chile, Santiago, em 27/07/90. Gravado por Cristina Magro; transcrito por Nelson Vaz.

século XXI⁸. Foram várias as intervenções nesse encontro alegre, para lembrar Espinosa, entre elas, a intervenção do Valter, que nos confessou que havia terminado a leitura do texto de Maturana em lágrimas. Ficamos por um bom tempo pensando na ideia do “espaço de convivência”⁹, nas perguntas que guiam as aulas, nas mãos que se estendem para acolher as questões que surgem, sejam elas do lado do /da professor/a ou do/da aluno/a...

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! Me parece que você se empolgou com o Maturana e se esqueceu do Deleuze. Ah, antes me diga por que você fala encontro e não aula?

- 8 “Consta que Michel Foucault teria dito que o Século XX seria o século de Gilles Deleuze. Se não parece óbvio o cumprimento da profecia foucaultiana, ela sugere uma analogia para se falar de Humberto Maturana. O próximo século, o XXI, poderá ser dito de Humberto Maturana.” A referência que Aurora Rabelo faz ao dito de Foucault, pode ser verificada no documentário *O Abecedário de Gilles Deleuze*. “Produziu-se uma fulguração, que levará o nome de Deleuze ... Um dia, talvez, o século será Deleuziano.”
- 9 Como não trazer tintim por tintim de tão bela e paciente fala. Chego a ouvi-lo dizendo isso a seus alunos e alunas e me entristeço por não ter podido gozar da alegria deste encontro. “Com vocês [alunos e alunas] se passou a mesma coisa. Em algum momento, aceitaram minha mão. E, no momento em que aceitaram minha mão, passamos a ser co-ensinantes. Passamos a participar juntos neste espaço de convivência. E nos transformamos, em congruência... De maneiras diferentes, porque, claro, temos vidas diferentes, temos diferentes espaços de perguntas, temos experiências distintas. Mas nos transformamos juntos, e agora podemos ter conversas que antes não podíamos. E quem é o professor? Alguém que se aceita como guia na criação deste espaço de convivência. No momento em que eu digo a vocês: “Perguntem”, e aceito que vocês me guiem com suas perguntas, eu estou aceitando vocês como professores, no sentido de que vocês me estão mostrando espaços de reflexão onde eu devo ir.”

SUMÁRIO



AMG: não esqueci, é que às vezes sou um pouco divagante... você já deveria ter se acostumado com isso. Pode ser que seja só uma impressão, coisa da minha cabeça, mas quando falo aula, sinto que a possibilidade de diálogo diminui e, quando falo encontro, sinto que se amplia. A meu ver, fica mais próximo do que Maturana diz do espaço de convivência. Não me sinto confortável com o uso da palavra aula. Ela me parece limitadora... não gosto de usar a palavra aula nem de me sentar à mesa de professor/a. Por mais que a turma seja extensa, sempre me sento entre os alunos e alunas. A reconfiguração dos espaços e dos usos das palavras me dão a ideia do que acredito ser um dos “ps” de professora, que é a proximidade com aquelas e aqueles que estão caminhando comigo.

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! Entendi, mas não concordo. Mudar uma palavra ou a configuração do espaço da sala de aula não mudam os papéis. Não acredito nisso.

AMG: vou pensar no que me diz, mas, por ora, é nisso que acredito. Voltemos ao texto de Deleuze – “P de professor”. As discussões foram tão produtivas, que decidi, no calor das afecções, convidar a turma para produzir seus próprios textos “Ps de professores”, que seriam entregues, no final da disciplina, como parte das atividades avaliativas. Mas não parou por aí, pois, ainda no calor das afecções, disse que poderíamos publicar esses textos. A Patrícia, com alguma experiência em produções de livros, apoiou a ideia e disse

que poderia se responsabilizar para ver os trâmites legais com alguma editora e nos apresentou a Pimenta cultural. A turma toda concordou e manifestou certa euforia diante da possibilidade de publicação do livro. Assim, o livro *P de professores – para uma política da artístagem docente*, nasceu a partir das afecções e reflexões geradas no quarto encontro, no diálogo com o texto “P de professor”, de Deleuze.

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! Mas o que tem nesse texto de Deleuze que promoveu tanta alegria *com* e *nesse* encontro?

AMG: Deleuze sempre acreditou na língua e na linguagem como potentes instrumentos para a construção do pensamento filosófico ou não. Sua obra é um indício dessa crença e, de maneira particular, a obra *O abecedário de Gilles Deleuze*¹⁰, fruto de uma série de entrevistas que

10 A cláusula *Claire Parnet* [1994]: Gilles Deleuze sempre se negou a aparecer na TV. Mas atualmente ele acha sua doença tão parecida com a *petite mort*, da canção de A. Souchon, que mudou de opinião. Mantive, porém, sua declaração [“a cláusula”], feita em 1988, no início da filmagem: *Gilles Deleuze* [1988]: Você escolheu um abecedário, me preveniu sobre os temas, não conheço bem as questões, mas pude refletir um pouco sobre os temas... Responder a uma questão, sem ter refletido, é para mim algo inconcebível. O que nos salva é a cláusula. A cláusula é que isso só será utilizado, se for utilizável, só será utilizado após minha morte. Então, já me sinto reduzido ao estado de puro arquivo de Pierre-André Boutang, de folha de papel, e isso me anima muito, me consola muito, e quase no estado de puro espírito, eu falo, falo ... após minha morte... e, como se sabe, um puro espírito, basta ter feito a experiência da mesa girante [do espiritismo], para saber que um puro espírito não dá respostas muito profundas, nem muito inteligentes, é um pouco vago, então está tudo certo, tudo certo para mim, vamos começar: A, B, C, D... o que você quiser.



SUMÁRIO

concedeu à jornalista Claire Parnet (sua ex-aluna), filmada entre os anos de 1988 e 1989 e exibida na TV Arte, um canal franco-alemão, no período de novembro de 1994 a maio de 1995, ou seja, pouco antes de sua morte, em novembro de 1995, quando, aos setenta anos, ele se foi da janela de seu apartamento como num sonho de Ícaro...

A exemplo das entradas de dicionários, à medida que Claire Parnet ia apresentando uma letra do alfabeto (de A a Z) ligada a um tema, Deleuze ia desenrolando seus fios conceituais e um desses fios foi P de Professor, em que o filósofo discorre longamente sobre seus anos como professor, sobretudo, em Vincennes. Conhecer Deleuze em sua performance de professor afetou nosso ser professor e daí para a ideia do livro foi um pulo.

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! Agora entendo porque disse que falaria sobre ser professora da disciplina *Filosofias e artes na educação matemática* nesta turma. Parece que foi uma experiência boa.

AMG: foi, mas isso não garante que se eu decidir, em outro semestre, ministrar *Filosofias e artes na educação matemática*, haverá essa alegria de que fala Espinosa. Para cada turma com a qual nos encontramos, nos performamos professoras e professores diferentes. Houve quem, nesta turma, soltasse as mãos ao

longo da travessia, o que também era de se esperar, posto que uma turma é feita de indivíduos... mas a maioria seguiu junto na travessia, por isso foram possíveis os acontecimentos sobre os quais te falei nesta entrevista. Assim, deixo registrado aqui, nominalmente, meu mais profundo agradecimento pela confiança e desejo de ter seguido segurando nas minhas mãos: Bruna Letícia Nunes Viana, Carlos Rodrigo Ozuna dos Santos, Diogo Chadud Milagres, Eduardo Mariano da Silva, Laís Carvalho Vieira Barbosa, Michele Cristina da Silva e Valter Rocha da Silva.

V: mrrrrrow! meeaOOOW! rrrrrr! rom-rom! se é assim, então, que venham novas turmas, que venham novas esperanças dançando na corda bamba de sombrinha...

AMG: Sim, Vladimir, por que a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar¹¹... Sigamos praticando artistagens docentes...

SUMÁRIO

11 Deixo registrada aqui minha homenagem ao músico Aldir Blanc, um dos compositores dessa obra-prima do cancionista brasileiro – “O bêbado e a equilibrista” – que, lamentavelmente, faz parte do triste número de vítimas da covid-19.



**P DE PROFESSORA
BRUNA LETÍCIA
NUNES VIANA
OU EDUCAR
E INVENÇÕES
DE MUNDOS
E(M) MATEMÁTICAS**



Falar sobre educação não é uma tarefa fácil, especialmente porque envolve uma série de aspectos e a vida de muitas pessoas. Certa vez, quando fui convidada para fazer uma fala em uma mesa de debates, fui perguntada sobre o que era, para mim, *educação*. Naquela ocasião, disse que responder a essa pergunta era uma tarefa de todo o dia para quem havia escolhido ser professora ou professor, no entanto, também disse que qualquer tentativa de definição de educação evocaria uma essência que acho que não me ajuda muito a pensar sobre educar. Ainda corroboro com essa afirmação.

Por isso, abaixo, encontram-se alguns escritos, em forma de diálogo, sobre *educar* (com todo o movimento que um verbo evoca): reflexões sobre algumas perspectivas de educação, e alguns pensamentos meus para projetos de educação outras. A educação para a felicidade é um desses projetos, e, nesse sentido, *educar enquanto invenções de mundos e(m) matemáticas* se faz muito potente.

Como toda ideia, as que estão aqui escritas não nasceram do nada. Nasceram de minhas (poucas) experiências em sala de aula, de minhas leituras e estudos sobre educação e, em especial, Educação Matemática (a área de pesquisa na qual estou inserida enquanto doutora em formação), a disciplina de 'Filosofia e Artes', ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS, em que uma

SUMÁRIO

das organizadoras desse livro foi professora e teve a ideia de escrita desse livro, de eventos, conversas com amigas e amigos sobre o fazer docente, dentre tantas outras situações que seriam impossíveis de enumerar.

No entanto, gostaria de falar sobre algumas dessas situações que me ajudaram nessa escrita de maneira mais pontual: a primeira delas, um diálogo sobre educação que aconteceu na forma de um texto escrito, e que serviu como base para o texto que aqui se encontra. Nesse diálogo, uma querida amiga, Deborah, perguntou-me algumas questões às quais eu tentei responder em forma de texto. Deborah é a interlocutora com a qual conversei de maneira ficcional nesse texto, e tentei deixar o diálogo o mais parecido possível com coisas que acredito que ela me diria.

A segunda é o Modelo dos Campos Semânticos, teorização criada por Romulo Lins (1999; 2012) e que me ajuda a pensar sobre a sala de aula de matemática e, também, nesse texto. Algumas das noções aqui encontradas (direta ou indiretamente), como produção de significados, leitura plausível e erro, podem ser encontradas em obras que utilizam o Modelo dos Campos Semânticos.

A terceira é a maneira como eu tenho tentado pensar a pesquisa em Educação Matemática, enquanto modos de produção de mundos outros (CLARETO e RO-

TONDO, 2015), na tentativa de criar respiradouros para vidas mais potentes. Modos que não se preocupam com dar conta de algo (de um objetivo de pesquisa, ou de ensinar determinado conteúdo para uma turma com 30 alunos), ou prever o imprevisto, mas sim preparar o corpo-pesquisadora para gestar as relações que vão ser tecidas no movimento de pesquisar com pessoas, coisas, histórias, imagens, ..., educações!

Acredito que preparar um corpo-pesquisadora também deve ser a tarefa de uma professora ou professor. É um movimento que se faz necessário para “mergulhar na geografia dos afetos e ao mesmo tempo inventar pontes para fazer essa travessia” (ROLNIK, 1987, p. 02), abraçando o não dar conta para constituir uma ética de vida-pesquisa-educação. Um educar que não se coloca em outro lugar que não o da *vida*.

Educar empunhando uma borracha em mãos, para apagar algumas certezas cristalizadas na tentativa de se fixar uma identidade, um campo, uma academia, uma escola, um aluno de sucesso. Educar apagando a pergunta sobre “o que é a educação”, que busca uma essência, e dando lugar a um diálogo, em movimento, que constitui um movimento de educar.

Débora: Amiga, será que você tem um tempinho hoje ou amanhã para me ajudar? Lembra aquele curso de complementação pedagógica de que te falei?

Bruna: Claro! Você fez Engenharia Civil, mas eu sempre achei que você gostava de dar aulas... Lembra de como você me ajudava quando estávamos na sexta série? Acho que você tinha até um quadrinho em casa...

D: Nossa, como você lembra dessas coisas rsrs. Então, uma das minhas professoras, de Psicologia de Desenvolvimento e Aprendizagem, passou um trabalho em que é pra gente entrevistar algum profissional da educação sobre alguns tópicos da disciplina. Se não for te incomodar, eu gostaria de entrevistar você.

B: Eita, eu não sei se vou conseguir ajudar, mas é óbvio que eu topo. Se quiser, hoje à noite terei um tempinho, aí podemos abrir uma chamada do Google Meet. Lógico que gostaria de fazer uma janta aqui em casa pra acompanhar a entrevista, e matar as saudades, mas essa é mais uma das coisas que esse corona nos tirou.

D: Verdade! Estou com muita saudade. Esse corona e esse ser que está na presidência, né?! Combinado então. Pode ser às 20h?

B: Nem me fale... E sim, esse horário está ótimo. Até mais!!!

D: Beijos.

*

B: Oi!!!

D: Oi amiga, deixa eu só abrir o documento que a professora nos enviou, aí eu vou ler com você e a gente vai conversando, pode ser?

B: Pode sim... Sem pressa!

D: Já está aqui. Olha, começa assim: “Para a Psicologia, o conceito de aprendizagem não é simples. Há diversas possibilidades de aprendizagem, ou seja, há diversos fatores que nos levam a apresentar um comportamento que anteriormente não apresentávamos, como o crescimento físico, descobertas, tentativas e erros, ensino etc. Nós mesmos temos uma amiga que sabe uma poesia inteira em francês, porque a copiou 10 vezes como castigo, há 20 anos, e tem uma vaga ideia do que está dizendo quando a declama. Podemos dizer que ela aprendeu a poesia? Essas diferentes situações e processos não podem ser englobados em um só conceito. E, assim, a Psicologia transforma a aprendizagem em um processo a ser investigado. São muitas as questões consideradas



importantes pelos teóricos da aprendizagem: Qual o limite da aprendizagem? Qual a participação do aprendiz no processo? E do professor? Qual a natureza da aprendizagem? O que é fracasso escolar? ”.

B: Nossa, quantas questões. Vamos lá... Eu vou tentar ir dizendo as coisas que eu penso sobre esse texto, e aí se faltar alguma pergunta você pode me dizer, tá?

D: Tá bom, pode deixar.

B: Acho que um ponto interessante do texto, é entender a aprendizagem enquanto um processo. E um processo, usando alguns elementos matemáticos, *pode ser entendido como algo contínuo* (que é de natureza distinta de algo constante). Talvez quando você teve aulas de cálculo, você chegou a ver sobre essa diferença, mas, por exemplo, uma função constante é quando para qualquer valor de x temos o mesmo valor de $f(x)$. Isso significa que o gráfico da função, quando o valor x pertencer aos números reais, vai ser sempre um mesmo número real, e então a reta que representa o gráfico é paralela ao eixo x . Já para uma função contínua, o gráfico não precisa ser uma reta, por exemplo $f(x) = x^2$. Essa é uma função contínua, pois para desenharmos o gráfico dela não precisamos tirar o lápis do papel. Então, pra mim, a



aprendizagem é algo contínuo. É algo que fazemos sem tirar o lápis do papel...

D: Lembro sim. Nas funções descontínuas podia ter buracos no traçado do gráfico, né? Mas eu não sei se entendi como exatamente isso se relaciona com a aprendizagem...

B: Deixa eu tentar dizer de outra forma. Pra mim, estamos falando de algo que se assemelha ao traçar de uma linha, que sobe, desce, pode curvar, fazer um loop, talvez até voltar e/ou passar por cima de alguns traços já feitos, mas o processo de traçar está sempre em andamento. Nesse caso o processo de traçar faz do traço a própria aprendizagem. Vou voltar outra vez pra função... O conjunto dos números reais é infinito, certo? Eu poderia ficar a vida inteira traçando o gráfico da função, e não iria terminar nunca de traçar. Aliás, eu só iria terminar de traçar quando eu morresse. Mas note que, nesse caso, quem faz o traço sou eu, logo, eu estou na posição de aprendiz. A/O aprendiz é quem faz o traço e ninguém consegue fazer o traço por ela/ele, já que por mais que tenha alguém dizendo que o traço deve ser mais forte, mais fino, para cima ou para baixo, é ela/ele quem segura o lápis e, em última instância, é ela/ele quem decide onde o traçado vai.

D: Então aprendemos durante toda vida?

SUMÁRIO

B: É uma boa pergunta. Eu acho que fazemos traçados diferentes ao longo da vida. Quando éramos criança, alguns dos traços que fazíamos pareciam não fazer sentido, e hoje podemos observar algumas crianças fazendo traços e entender eles como rabiscos. Mas, com o tempo, parece que algumas formas que conhecemos vão aparecendo nos traçados. Algo como círculos para desenhar o sol, coração, pessoas de pauzinho, casas, flores... e várias outras formas podem ir surgindo nos desenhos de uma criança, com o tempo. Acredito que conseguimos desenhar essas outras formas por vários motivos: nossas mãos vão crescendo e conseguimos segurar melhor o lápis (e aqui é uma metáfora para falar sobre o crescimento das mãos, mas também do cérebro e do corpo como um todo), vemos outras pessoas fazendo traços que achamos bonitos e repetimos, dentre outros processos. *Mas, principalmente, com o tempo descobrimos que o traçado não pode ir para qualquer lugar, até porque se for para qualquer lugar, muitas pessoas vão falar que o que estamos desenhando é um rabisco. Existem formas específicas de se fazer um traçado e ele ser considerado um desenho. E aí está a resposta para a questão sobre os limites da aprendizagem.*

D: Os limites da aprendizagem são os traços que não podem ser feitos sem serem chamados de rabisco? Um rabisco não é uma aprendizagem?

SUMÁRIO

B: Talvez eu tenha ido rápido demais nesse tópico. Vou tentar voltar ao traçado, porque penso que essa analogia pode nos ajudar. A folha em que é feito o traçado pode ser entendida como a cultura. A cultura, nesse caso, é um conjunto de signos/linguagens/regras/instituições que determina o que pode ou não acontecer. Por exemplo, as leis fazem parte de nossa cultura, e determinam que certas coisas não podem acontecer (os crimes). Essas imposições da cultura são as margens da folha em que os traçados (aprendizagem) vão acontecer. Só aprendemos aquilo que a cultura nos permite aprender. Um exemplo que vi recentemente pode ajudar a ilustrar. Em determinada comunidade indígena, um pesquisador descobriu que os indígenas que ali viviam, faziam a subtração de forma diferente: se a pessoa A tinha 10 peixes, e precisava dar 3 peixes para a pessoa B, a pessoa A não ficava com menos peixes do que tinha inicialmente. Na nossa cultura, a pessoa A ficaria com 7 peixes, e como 7 é menor do que 10, a pessoa A passaria a ter menos peixes do que antes. No entanto, nessa comunidade indígena, quando damos algo para outra pessoa, recebemos sempre mais em troca. Daí, quando A dá 3 peixes para B, A fica com pelo menos 10 peixes (7 mais pelo menos 3 peixes que vai receber), já que A vai receber mais peixes de B depois. Nessa comunidade, podemos dizer que o limite da cultura os impede de aprender a subtração do

modo que fazemos, mas também podemos dizer que a nossa cultura nos impede (ou dificulta) de conceber o ato de dar algo para alguém como uma coisa positiva, já que quando damos algo para alguém ficamos sempre com menos do que tínhamos inicialmente. Mas veja, essa folha é diferente de uma folha qualquer... Ela pode se expandir. Isso geralmente acontece quando entramos em contato com outros modos de produzir significados para as coisas. Eu acredito que a minha folha se expandiu quando eu me encontrei com esse modo de perceber “a subtração” nessa comunidade indígena.

D: É verdade. Eu nunca tinha pensado sobre isso. Eu provavelmente diria que eles fazem a subtração de um modo errado... Mas como a escola se insere nessa discussão?

B: O “errado” da sua frase é interessante... Mas sobre a escola, e voltando para os traçados (aprendizagem), ao longo da vida percebemos que eles podem e devem ser feitos em determinada direção. A escola é um desses espaços. Na escola, existe um Projeto Político Pedagógico que dita os princípios que regem a escola como um todo, e um currículo que dita, também, quais conteúdos vão ser ensinados ou não. Isso significa que os traçados, na escola, tem que ser feitos de determinadas formas. Na matemática isso é bem evidente: o aluno deve aprender primeiro a somar, depois a subtrair, depois a multiplicar e,

SUMÁRIO

por último, a dividir. Os professores e os livros são os porta-vozes que dizem para quem está fazendo o traçado, aonde o traço deve caminhar. E se o traço divergir muito dessas diretrizes dadas por esses porta-vozes, quem está fazendo o traço pode ficar mais um ano no mesmo nível de ensino até que consiga fazer o traço de maneira satisfatória para esses porta-vozes. E aqui chegamos em um ponto crucial sobre o fracasso escolar. *O fracasso escolar é quando os traços que alguém fez divergem dos traços exigidos pelos currículos.* É interessante notar que o fracasso escolar é sempre perspectivado, ou seja, só faz sentido falar em fracasso escolar tendo em vista um projeto político de formação. Voltando ao exemplo da comunidade indígena, em uma escola não-indígena, uma criança dessa comunidade provavelmente não passaria de ano já que não sabe fazer a subtração conforme manda o nosso currículo escolar ($10 - 3 = 7$). Contudo, não saber fazer a subtração implica que essa criança fracassou se os parâmetros que utilizamos para isso forem os parâmetros da nossa cultura (e o currículo está dentro dela), já que se estivessemos em uma escola indígena dessa comunidade, e diante da pergunta “ $10 - 3$ ” a criança apresentasse como resposta “pelo menos 10”, ela teria êxito. Sendo assim, o perfil de aluno que queremos formar (que é definido pelo projeto político, que se insere dentro da cultura) cria a categoria de alunos que não obedecem a esse padrão e, portanto, fracassam.

D: Então só existe fracasso porque existe sucesso? O que aconteceria se eu não definisse esse perfil de aluno que eu quero formar?

B: Exatamente. A ideia de sucesso cria o fracassado, e vice-versa. Um depende do outro pra existir. E ambos dependem da criação desse perfil de aluno para balizar o que vai ser um e o que vai ser outro. Ou seja, falar de sucesso e fracasso é sempre colocar uma régua na folha em que é feito o traçado. Mas eu não sei se é possível não definir um perfil de aluno que queremos formar... Eu penso, às vezes, que um bom perfil de aluno para formarmos seria um aluno feliz. Imagina comigo se, ao invés de estabelecermos que um aluno deve saber somar, multiplicar, subtrair e dividir, eu estabeleça que ele deve ser feliz? Eu acho que, nesse caso, as escolas seriam bem diferentes...

D: É, mas nesse caso nem precisariam existir professores de matemática, né? Não sei se consigo pensar assim... Parece tão distante do que a escola é hoje... Complicado.

B: É realmente bem distante. Eu acho que se estivéssemos preocupados em formar uma aluna ou um aluno feliz, certamente a escola que teríamos se distanciaria muito de muitas escolas que temos hoje. Mas veja, nessa “escola da felicidade”, poderíamos sim ter “professores de matemática”. Talvez não o que conhe-

ceamos hoje como “professores de matemática”, mas certamente se ensinaria matemática nessa escola. Eu posso querer que o aluno ou aluna seja feliz, e para isso eu posso utilizar a soma, multiplicação, subtração e divisão. Acho que a grande diferença seria que essas coisas funcionariam como convites. Essa aluna ou aluno seria convidado a aprender esses tópicos, quase como uma espécie de negociação entre eu e eles. Mas acho que isso é uma conversa para depois...

D: Podemos voltar nisso ao final... mas estou pensando uma coisa aqui. Se é o aluno quem faz o traçado, e a cultura quem determina os limites desse traçado, qual é o papel do professor diante desse processo?

B: As várias perspectivas de ensino e aprendizagem vão divergir quanto à isso. Algumas vão dizer que o professor deve fazer com que o aluno segure a caneta e repita o traçado até fazer igual ao que está no quadro (essa é uma perspectiva de ensino e aprendizagem mais tradicional, em que o professor preza pelos exercícios de repetição já que acredita que é assim que o aluno aprende a fazer o traço ditado pelo currículo). Em outra perspectiva, o professor deve dar apenas as condições mínimas para que o aluno faça o traçado desejado, pois acredita que assim o aluno está construindo o próprio conhecimento (essa perspectiva é chamada de construtivismo). Para mim, mesmo nos moldes de escola que temos hoje, o papel



SUMÁRIO

do professor é negociar com quem está fazendo o traçado. Uma boa professora ou um bom professoralaria: acho que entendi como você está fazendo esse traçado, o que acha de tentarmos fazer *juntos* um traçado diferente? Em outras palavras, um professor que se propõe a falar isso, é um professor que primeiro tenta entender o que o aluno sabe, quais foram os processos de produção de significados para aquelas coisas que o aluno fala/escreve/gesticula, para só *então* tentar com que esse aluno faça o traçado conforme o currículo. E como o professor vai fazer essa tentativa é um mundo de possibilidades, em que todas dependem do que a professora julgar que o aluno precisa naquele momento. Essas possibilidades vão desde segurar a mão desse aluno, até pedir para que ele repita os traços, ou dizer o mínimo necessário para que ele mesmo faça os traços. Esse é um ponto interessante de ser pontuado já que, muitas vezes, na escola os professores falam apenas: está errado traçar desse jeito, é para traçar desse outro jeito aqui. Agorinha mesmo você me falou que, caso se deparasse com a produção de significado de uma aluna ou aluno daquela comunidade indígena que eu mencionei, você diria que aquele modo de fazer a subtração estava errado.

D: Sim... vendo à primeira vista, seria a única coisa que eu conseguiria falar. Afinal, eu aprendi que 10 menos 3 dá sete, nunca aprendi de outro modo.

SUMÁRIO

B: Exatamente. Em uma leitura apressada, eu acho que temos uma tendência de impor os modos que já sabemos sobre outras pessoas, porque na pressa não temos tempo para tentar entender como essas pessoas estão pensando. E me parece que temos hoje uma educação apressada... Mas veja, eu tenho interesse de que minha aluna ou meu aluno aprenda essa outra matemática, ou seja, que 10 menos 3 é igual a 7. E eu tenho esse interesse principalmente porque essa matemática que temos hoje, e a escola, de modo geral, ainda é um caminho para diminuir as desigualdades sociais. Eu quero que essa aluna ou esse aluno tenha condições de escolher se quer ou não entrar em uma universidade pública após sair da escola. Eu quero que esse aluno ou essa aluna tenha, antes de mais nada, possibilidades. E essa possibilidade que a matemática que conhecemos hoje oferece, me parece ser um caminho...

D: Sim, até porque esse aluno vai sair da escola e se ele não aprender que 10 menos 3 dá 7, ele pode ser enganado por alguém quando estiver fazendo uma compra, por exemplo.

B: É, tem alguns pontos sobre isso que você falou... Estou pensando aqui... Eu poderia, nesse exemplo, antes de tentar negociar com essa aluna ou aluno a possibilidade dela aprender a subtrair de uma outra maneira, brincar de conjecturar. E nós, que passamos pela matemática, fomos perdendo isso que é tão caro pra própria matemáti-

ca, que é conjecturar. Eu poderia dizer para uma turma: e se 10 menos 3 fosse pelo menos 10, como seria 25 menos 8? E como seria a divisão? E multiplicação? E ir fazendo perguntas como essas para ver o que produziríamos *com* isso. Acredito que isso seria produtivo, tanto em termos de capacidade de *inventar novas matemáticas*, como de possibilidades das alunas e alunos ampliarem os lugares pelos quais podem fazer os traçados. *Inventar mundos com/e matemáticas*. Talvez essa devesse ser uma tarefa urgente na sala de aula de matemática. Mas como eu entendo essa questão que eu disse sobre a matemática que temos hoje, eu provavelmente tentaria, ao final, negociar a possibilidade de discutirmos, também, essa outra possibilidade de subtração em que 10 menos 3 dá 7.

D: Nesse caso o erro nem aparece né...

B: Não aparece porque eu acho que a palavra erro ainda é muito carregada de algumas coisas que não nos ajudam na sala de aula. Talvez devêssemos torcer mais essa palavra. O erro é sempre erro segundo uma perspectiva. E não há problema algum em não fazermos algo segundo alguma perspectiva. O problema está quando há apenas uma única perspectiva a ser seguida, e todas as outras perspectivas precisam ser eliminadas do processo de ensino. E eu acho que a escola faz muito isso. Então quando eu falo que o aluno está errado, sem nem ouvir

o que ele tem pra me dizer sobre o que ele fez, eu estou eliminando a perspectiva desse aluno. E além de deixarmos de considerar todo um modo particular de produção de significado para uma situação, o que já seria motivo suficiente para não olharmos para o erro dessa maneira, ainda temos o problema de que apenas falando que a aluna ou aluno “está errado”, temos menos possibilidades de tentar negociar a possibilidade de esse aluno fazer o traçado de um outro, já que a gente não parte do que o aluno já sabe (dos traços que o aluno já fez). O professor, portanto, tem a tarefa de considerar os processos de aprendizagem desse aluno (e pode fazer isso perguntando a esse aluno o que ele fez quando disse tal coisa, ou escreveu tal coisa), para então negociar a possibilidade de uma nova direção de processo de aprendizagem.

D: Nossa, acho que já passamos do horário combinado...

B: Sim... acho que eu me empolguei rsrs

D: Que é isso, eu que tenho que agradecer por você ter tirado um tempinho pra conversar comigo, agora eu tenho um monte de coisas pra pensar sobre educar. Muito obrigada!

B: Não agradeça, e podemos conversar sempre que você quiser. Espero que, em breve, vacinadas e pessoalmente!

D: SIMMMMM!!

SUMÁRIO



REFERÊNCIAS

CLARETO, Sonia Maria; ROTONDO, Margareth. Pesquisar: inventar mundos com Educações Matemáticas. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 8, n. 18, 2015.

LINS, R. C. Por que discutir Teoria do Conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). *Pesquisa em Educação Matemática: Concepções e Perspectivas*. Rio Claro: Editora UNESP, 1999. p. 75 – 94.

_____. O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimentos e notas de teorizações. In: ANGELO, C. L. et. Al. (Orgs.). In: *Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história*. São Paulo: Midiograf, 2012. p. 11 – 30.

ROLNIK, Suely. Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil. *Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC*. São Paulo, 1987.

SUMÁRIO



2

**P DE PROFESSOR
CARLOS RODRIGO
OZUNA DOS SANTOS**



SUMÁRIO

ENTREVISTADOR: P é de Professor. Mas também é de Policial. Para iniciar nossa conversa, por favor, apresente-se aos nossos leitores para que possam entender o contexto de nossa conversa.

Carlos Rodrigo: Claro, bom. Eu me chamo Carlos Rodrigo, embora não me lembre de precisar ter me chamado nessa vida, normalmente são as outras pessoas que me chamam, e como me chamam? Aí depende muito. Na família havia duas opções. Os muito íntimos me chamavam de “nego”, apelido carinhoso que me acompanhou durante toda a minha infância e adolescência. Os menos próximos me chamavam pelo nome de Rodrigo, já que meu pai também tem o nome de Carlos. Mas na escola o nome era Carlos. Todo mundo me chama assim lá. Aos 14 para 15 anos, após um processo de “expichamento”, na igreja meus amigos passaram a me chamar pelo apelido de “Digão”, mas eu também estava perto dos 1,90m de altura nessa idade. Aos 21 anos entrei para a Polícia Militar aqui no Mato Grosso do Sul, e lá fui o Aluno Soldado Ozuna ou apenas o aluno 606. Enfim, hoje se me chamam de qualquer coisa, estou atendendo para não errar, mas o mais comum ainda é me chamar de Rodrigo. Como disse no início, sou policial militar e foi graças a ela que consegui me formar em matemática. Hoje tenho 32 anos, sou casado, agora em dezembro fará 13 anos de

casamento e temos uma linda filha de 2 anos chamada Ester.

E: Então você primeiro entrou para a polícia e só depois fez a faculdade de matemática para virar professor?

CR: Sim e não. Sim porque a ordem é esta mesmo, eu entrei para a polícia aos 21 anos de idade e aos 23 eu comecei a licenciatura em matemática aqui na cidade de Campo Grande em Mato Grosso do Sul. E não porque minha história como professor remonta muito antes da faculdade e da polícia em si.

E: Legal, estamos começando a entrar no nosso assunto propriamente. Então como foi que você se tornou professor, ou quando foi que você se viu professor?

CR: Bem, antes de mais nada, preciso expressar dois conceitos nos quais acredito muito. O primeiro está na vocação. Acredito que todos nos dedicamos ao exercício de determinadas funções na sociedade. Existe algo dentro de nós que nos move, uma paixão que nos move. Pense nisso, se Neymar Júnior tivesse acordado aos 15 anos e em vez de ir para o treinamento tivesse decidido virar menor aprendiz e começar a trabalhar em supermercados de São Paulo. Hoje ele poderia ser o melhor empacotador de uma rede de supermercados, mas nunca seria o nosso Neymar Júnior, pois o Neymar que conhe-

ceiros foi vocacionado para jogar bola. Nosso Neymar só é o Neymar com a bola de futebol nos pés.

E: E o Rodrigo? É Rodrigo com o giz ou com uma pistola nas mãos?

CR: Então, Rodrigo definitivamente é Rodrigo dando aulas. Mas é possível ser Rodrigo na corporação também. Eu tenho aprendido que se em todos os órgãos públicos do nosso Brasil tivéssemos professores vocacionados infiltrados, nosso Brasil seria muito melhor. O professor vocacionado possui qualidades que são bem vindas em qualquer lugar ou profissão.

E: E quais seriam essas qualidades de um professor vocacionado?

CR: Eu nunca ousaria desenhar para você aqui um professor vocacionado, pois como seres humanos somos pessoas únicas e isso não vai mudar nunca. Mas, é muito comum o professor ser estudioso, curioso pelo conhecimento, paciente, dedicado, sempre em busca do melhor para os outros, pois o que é o professor, senão, alguém que vive em busca da evolução pessoal dos outros? Lutamos e buscamos a todo momento que nossos alunos evoluam e cresçam, pois entendemos que é na evolução deles que também evoluímos.

SUMÁRIO

E: Mas, mesmo trabalhando na polícia você ainda consegue dar aulas?

CR: Sim, claro. Obviamente, não tanto quanto gostaria, mas aí entra aquele segundo conceito em que acredito fortemente, que é a Responsabilidade. Hoje eu tenho uma responsabilidade muito grande como policial militar, não é algo que eu possa simplesmente largar e nunca mais pensar em exercer. A polícia me propiciou muito conhecimento, me trouxe muita maturidade para entender que eu preciso dar um retorno para a própria corporação, por tudo de bom que ela me proporcionou, agora é hora de retribuir. Por isso continuo dando o meu melhor na corporação e sempre que possível, entro na sala de aula, mas como disse, ser professor vai muito além da escola e da sala de aula, é uma coisa que está comigo desde quando era aluno na educação básica.

E: E como ou quando você soube que esta era a sua vocação?

CR: Na verdade foi bem tarde que a ficha caiu. Tanto que eu só fui para os bancos acadêmicos aos 23 anos e lá que, olhando para trás, a ficha caiu.

E: O que você viu ao olhar para trás?

SUMÁRIO

CR: Eu vi um menino que ficava muito feliz quando a professora pedia a alguém para copiar no quadro. Eu vi um menino que se matava estudando quando o trabalho era de apresentação, pois ficava muito feliz com a sensação de estar na frente da turma apresentando. Vi um menino que, aos 14 anos, já havia ensinado vários amigos da igreja a tocar violão só pela sensação e alegria de tê-los tocando juntos. Eu vi um menino que passava mais tempo ajudando seus colegas de escola a resolver os problemas da tarefa do que resolvendo os seus próprios. E é uma pena que só vi isso quando olhei para trás, mas é uma alegria porque vi na hora de mudar.

E: E o que mudou?

CR: Quando fui para a faculdade, meus planos eram, ir para a faculdade, onde eu poderia ter um “bico” mais tarde, uma renda extra. Ou seja, já tinha decidido que seria policial militar até a aposentadoria, mas para ter um salário mais digno precisaria de uma atividade secundária. Como pelas leis da época, os militares não podiam exercer nenhum tipo de atividade remunerada, exceto a docência, optei por fazer matemática para ter uma renda extra. Mas foi no curso que percebi que, de fato, isso é o que eu deveria fazer independentemente de tudo o mais.

E: Professor independente até mesmo de salário?

CR: Sim, por que não? Como eu disse fui vocacionado a ser professor, então seja onde for que eu esteja eu serei professor, com remuneração ou sem.

E: Mas você já precisou dar aulas de graça?

CR: Depende, se de graça você está se referindo à ausência de pagamento em dinheiro, sim, várias vezes. Para mim, o melhor pagamento é a disposição do aluno em vir assistir a uma aula. Aos 14 anos, não cobrava para ensinar violão aos meus amigos. Ainda na faculdade, um grande amigo, amizade que ainda cultivo, saía da faculdade e ia para o pelotão onde eu trabalhava para tirar dúvidas. Às vezes ficávamos até quatro ou cinco da manhã estudando juntos e sempre era muito bom porque havia vontade de aprender, de evoluir. Depois de me formar, várias vezes me ofereci para dar aulas em um projeto de igreja que funcionava com aulas de reforço para alunos em dificuldade na periferia de Campo Grande, e era um trabalho totalmente voluntário. Ainda na igreja, dos anos de 2017 a 2020 dei aulas de música em diversas turmas, dei aulas teóricas, além de violão, teclado, baixo e bateria, também de forma voluntária. Claro, a estabilidade que tenho hoje como policial militar me ajuda muito nesse desapego à remuneração como professor, mas a verdade é que ensinar pra mim é uma dádiva e sempre que me afasto dessa prática, sinto muita falta.

E: Mas você chegou a dar aula em escolas? Sente falta?

CR: Sim, entre os anos de 2015 e 2017 lecionei em escolas de Campo Grande. Em 2015 em uma escola particular e pelos próximos dois anos em uma escola do município. Foi fantástico. Eu odeio acordar cedo, mas para ir para a escola eu simplesmente despertava. Claro que houve dias em que eu não queria ir, isso é natural, mas foi uma exceção, ir à escola para mim sempre foi uma fonte de muita alegria.

E: E existe muita diferença entre essas aulas particulares que você dava, seja de matemática ou de música, e uma aula em uma escola municipal com vários alunos?

CR: Com certeza. Do ponto de vista da matéria, a gente se prepara, mas muito do que acontece na aula é fruto do encontro. As coisas vão acontecendo e, de acordo com as dúvidas e curiosidades que vão surgindo, eu vou guiando minha aula. Isto jamais aconteceria em uma turma. A aula para uma turma, ou no caso da escola, para várias turmas, tem que ser muito bem planejada, preparada, ensaiada, pois de alguma forma tudo que acontece ali dentro das quatro paredes da sala de aula precisa inspirar o maior número possível de aluno. Não posso me dar ao luxo de lecionar uma aula específica para um aluno em uma turma com 45 alunos.

E: E como era sua relação com os alunos?

CR: Literalmente, era amor e ódio, como em qualquer outra relação. Eu sempre gostei de conversar muito, então eu estava o tempo todo conversando com eles, dando orientações sobre todo tipo de assunto, mas no fim eu sempre era o professor de matemática, então foi uma relação sempre muito conturbada. Mas é bom que seja assim, e hoje vejo que sempre será assim, até com minha filha é assim, ela vibra com o pai que brinca junto e carrega nas costas, mas faz cara feia para o pai que adverte e que diz o não, e o grande problema é que o pai é o mesmo.

E: Desde 2018 você está fora das salas de aulas?

CR: Sim, por motivos profissionais eu não consegui pegar aulas desde 2018. Na verdade, juntou o serviço com a continuidade nos estudos. Em 2017 foi quando pela primeira eu entrei em um mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mas pensa só, eu dava aula de manhã, na escola, trabalhava por escala na polícia do meio dia a meia noite e ainda tinha que estudar para o mestrado. Não demorou muito para perceber que não iria dar conta, então optei por largar o mestrado. No ano seguinte eu entrei pela segunda vez no mesmo mestrado, dessa vez eu não dava aulas, estava trabalhando apenas na polícia, mas na vida particular estávamos em meio a um tratamento para que minha esposa pudesse engravidar, e

SUMÁRIO

diante da loucura que estava a vida eu já larguei o mestrado nas primeiras semanas. No final de 2018 nós conseguimos ter nossa filha e por este motivo eu nem tentei o processo seletivo para o mestrado, sendo que apenas em 2019 que eu voltei a tentar, dessa vez o mestrado em educação matemática da UFMS, onde ingressei em 2020. Obviamente que durante todo esse tempo eu continuei dando aulas, sejam particulares, ou de música na igreja, ou até mesmo remotas, mais especificamente no ano de 2020, mas das salas de aulas eu estou fora desde 2018.

E: A escola, te faz falta?

CR: A relação que eu tinha com meus alunos sim, muita falta. Agora o pacote que vinha junto deixa saudades, mas não aquela saudade de quem gostaria de viver tudo de novo, está mais para aquela saudade de quem viveu o que tinha que viver. Infelizmente penso que nossas escolas ainda estão muito presas ao passado e a metodologias de ensino aos quais nossos gestores foram ensinados. E se na rede municipal era ruim, imagine só na particular. Eram decisões absurdas com um medo de perder aluno ou de deixar o pai magoado com a escola.

E: Você acha que a rede particular de ensino é muito “alunocêntrica”?

SUMÁRIO

CR Gosto de separar a escola particular de muitas empresas que usam a educação para construir seus impérios. Temos muitas escolas boas, que usam metodologias sérias e são fiéis aos seus métodos, e cabe aos pais e ao aluno escolher aquela que se encaixa. O grande problema que vejo é nas empresas que usam a educação para ganhar dinheiro, e infelizmente para as empresas a máxima de “o cliente tem sempre razão” ainda é muito forte e infelizmente em algumas escolas o trabalho é feito assim.

E: Você acredita que a polícia tenha te ajudado de alguma forma a se enxergar professor ou como você disse, o cair dessa ficha teve algo a ver com o serviço policial?

CR: Sem dúvida. Como eu disse eu me dei conta da minha vocação ao olhar para trás nos bancos acadêmicos e me vendo sendo desenvolvido, mas como professor algo que me move é ver o aperfeiçoamento e a evolução do próximo. E infelizmente isso é tudo o que não se vê em um trabalho na polícia. Cada ocorrência era uma história mais triste que a anterior, e fica muito difícil de falar em evolução para um jovem que você está conduzindo para passar os próximos anos em uma cela de algum presídio estadual. Acreditava sinceramente que, como policial, seria possível mudar vidas durante o trabalho, mas é simplesmente difícil. Não direi impossível, mas é muito difícil. O contexto em que temos contato com as pessoas

é sempre algo que embrulha o estômago, que entristece, que nos desmonta.

E: E por que continuar?

CR: Hoje, o papel que eu exerço na corporação é administrativo, focado na gestão, por isso eu disse que agora é a hora de retribuir. No meu cargo atual, é possível ajudar no aprimoramento e evolução dos meus colegas de corporação. Ainda tenho planos de poder entrar nas academias da corporação e dar aulas em treinamentos, para deixar um pouco de mim na corporação e ajudar os novos policiais que chegam na corporação a se aprimorar e evoluir.

E: E como professor você acredita ser possível marcar a vida de um aluno?

CR: Com toda certeza. Na verdade, eu acredito que a grande maioria dos professores marcam as vidas dos alunos, seja positiva, ou negativamente.

E: E para você como é isto, saber que você pode marcar a vida de um aluno?

CR: Incrível e temeroso. Incrível pois acredito que não existe nada mais nobre do que ajudar alguém em um crescimento pessoal. Não só no campo acadêmico, mas também na vida do aluno. Em 2017 eu lecionei para uma aluna do 6º Ano do Fundamental e ela era

simplesmente diferenciada na classe. Aluna nota 10 de tudo. Tentei de toda forma encaminhar a vida dela para que conseguisse uma escola melhor, talvez uma bolsa de estudo, enfim, eu sabia que ela podia muito mais. Não obtive sucesso naquele ano, mas antes de parar de lecionar nesta escola eu conversei com ela e disse que ao chegar no 9º Ano eu gostaria que ela realizasse o processo seletivo do Instituto Federal aqui de Campo Grande. Hoje acompanhando ela, vejo como ela cresceu e se desenvolveu neste instituto. Fico ainda mais feliz vendo a felicidade dela em cada descoberta que, em uma escola convencional sabemos que ela não teria.

E: E com os professores, como era sua relação?

CR: Era bem tranquilo. Nada muito diferente de outras profissões, acredito.

E: Então tinha brigas, discussões, fofocas?

CR: Sim, isso são coisas passíveis em qualquer grupo. Quer ver então quando chegava época de negociação salarial. Era professor querendo fazer greve, a diretora desesperada para não interromper o ano letivo, uns apoiando a diretora, outros descendo a lenha, nada que não aconteça em outras profissões públicas.



SUMÁRIO

E: Entendo, para finalizar, voltando então ao seu “ser professor”, você disse acreditar ser vocacionado para isto, mas você já trabalhou com pessoas que não eram?

CR: Com certeza, talvez até a maioria. Infelizmente a educação em alguns lugares se tornou um mercado. Para poder fazer parte de uma escola, basta um diploma de licenciatura, e no Brasil, infelizmente, estes diplomas são muito fáceis de conseguir, dependendo da instituição de ensino que o acadêmico procurar. Uma vez com um diploma desses, basta bater em algumas escolas que o emprego é garantido. É mal pago? Claro. Mas em vista de um salário mínimo de R\$1100,00 para uma carga horária de 44 horas semanais, um salário de professor já é algo bom. Graças a Deus muitos logo perceberam que não é possível fingir ser professor por toda uma vida e galgaram outras carreiras, advogados, empresários, engenheiros, enfim, desbravaram em busca de sua realização. Infelizmente, outros continuam tentando fingir, na esperança de que algum dia algo extraordinário aconteça e tudo mude.

E: Seria este o grande problema da educação hoje?

CR: O problema da educação é assunto para dias de conversa. Acredito que a educação tem muitos problemas, de modo que fica difícil dizer qual o maior deles. Mas a verdade é que, quando penso no problema da

SUMÁRIO

educação eu me lembro do problema que temos na nossa sociedade atualmente, e nem consigo chegar a uma conclusão se a sociedade chegou neste ponto por conta da má educação que tivemos, ou se a educação chegou no ponto que está por conta dessa terrível sociedade que nos tornamos, concluo que na verdade hoje vivemos um ciclo vicioso. Erramos na criação de nossas crianças, que crescem cada dia mais mimadas e mal educadas, que se tornam alunos medíocres e automaticamente péssimos profissionais. Por sua vez, alguns desses vão para a sala de aula, ou para uma secretaria ou administrativo da escola, e se tornam péssimos profissionais da educação, criando alunos ainda piores e, sinceramente, não sei onde isto pode parar.

E: Mas é possível melhorar? E com isto, deixe uma mensagem aos leitores.

CR: Sempre é possível. O ser humano, formador das sociedades, é um ser em evolução. Assim, acredito que seja possível sim, mas para isto precisamos olhar para trás e sermos sinceros com o que vemos. Vejo que muitos escolhem o que querem fazer puramente por questões financeiras. Meu pai era assim, me lembro que aos 17 anos quando eu tentei vestibular pela primeira vez, isso em 2005, ele não me permitiu fazer vestibular para matemática, pois não era algo que me daria um retor-

SUMÁRIO

no financeiro, então eu fiz para engenharia. Depois, em 2007, eu entrei para o curso de engenharia sanitária e ambiental da UCDB, mas um semestre foi suficiente para entender que eu não me daria bem na profissão. Penso que todos aqueles que estão atuando fora de sua vocação chegam neste ponto. Daí para frente é só ter a coragem para correr em busca de si. O problema é que em alguns casos o precisamos abrir mão de bons salários e um bom cargo para isto. Mas se não te faz feliz, então não importa o quanto isto te recompensa monetariamente. Este é o recado que eu deixo. Corra atrás daquilo que te completa e que te traz um significado pessoal. Vejo alguns “coachs” com frases de efeito do tipo: “trabalhe com aquilo que você gosta e não precisará trabalhar um dia sequer na vida”. Pra mim isso é balela, fazer o que se gosta dá sim muito trabalho, mas com toda certeza é compensatório. Vai dar trabalho sim, mas não será em vão e, enquanto você estiver fazendo aquilo ao qual foi vocacionado, a sociedade estará te agradecendo.

E: Muito obrigado!

CR: Eu que agradeço.



**P DE PROFESSOR
DIOGO CHADUD
MILAGRES
OU PÊS QUE
ME HABITAM**

Este texto é uma tentativa de dialogar com meus “eus” que estão voltados à docência, sob a perspectiva da entrevista de Claire Parnet com o professor e filósofo Gilles Deleuze. Ao me permitir me reencontrar com outros de mim, pensando na direção do Modelo dos Campos Semânticos, sinto-me mais à vontade para embarcar nesse oceano de pensamentos, sentimentos e memórias, em que sou legitimado a enunciar, porque sim, porque quero, porque acredito, e porque minha plateia, antes de tudo, são meus “eus”, e com eles tenho mais intimidade. Os resíduos que restaram em poucas linhas aqui, quando, e se, outrem se interessar a ler, me desconstituirão de qualquer jeito, não serei mais o escritor, mas, somente mais “um autor”, para esse leitor que se constituirá com o seus “eus”, em novos caminhos, novas direções, que eu não controlo – e, que bom!

A entrevista

Aqui estão constituídos pelo menos dois sujeitos: o entrevistador “D”, e do outro lado outros sujeitos, mas todos pertencentes a uma categoria “P”, de forma que que “P” será a persona que incorpora os vários pêzinhos que se apresentam em diversos recortes espaço-temporais.

D: Hoje eu tenho o prazer de entrevistar esses “outros eus”: aqueles que “gostam de estudar”. P, por favor conta pra gente qual é sua relação com os estudos.

P: Olá, D! É um prazer poder externalizar o que fica conosco no porão da nossa mente, no cantinho atrás da estante, a confraria dos pés!

D: Confraria? Ora essa, novidade pra mim!

P: Ora essa digo eu! Você sempre se embanana com tantos afazeres tantas tarefas não agendadas, acha que dá conta de todos nós ao mesmo tempo... tsc tsc! Ledo engano: essa racionalidade do lado de lá só dá conta das coisas ordenadas, ensaiadas. Senão, não são inspiração, viram um metal rock que só serve pra bater cabeça. Lá no porão, operamos com ópera.

D: Engraçadinho, você. E cheio de piadinhas. É assim que tenta conquistar seus alunos?

P: Então, meu querido amigo. Temos que voltar aos tempos em que éramos alunos também. Porque um bom aluno é aquele que se afeta com partes da música, e retorna aos pontos para entendê-los melhor. Assim, eu considero que um bom professor – ou um professor de boas intenções – já foi, ou sempre é, um bom aluno, ou aluno com boas intenções. Um bom que é belo, um belo que é bom.

D: Hummm... interessante. Vamos rebobinar essa fita em umas décadas...

P: Sim! Então, lembra do nosso primeiro dia? Sem pai, sem mãe, de repente te deixaram com estranhos... foi aquele chororô! Mas, agora, você sabe que valeu a pena. Foi uma transformação brusca, mas que valeu como aprendizagem mais que alguns anos que nós passamos decorando a tabuada...

D: Pensando dessa forma..., mas, na época, foi bem traumático. Fora as brincadeiras de mau-gosto.

P: Ah tá! E você acha que agradava a todas e todos com suas brutalidades? Só você era a chacota. Ô, coitado... Embora hoje se discuta melhor a questão do acolhimento nas escolas, não havia culpados nem inocentes. Éramos, todos, crianças. E, acredite, muito do que você é, ou melhor, muito do que nós constituímos como sujeito professor, tem mais das entrelinhas do que as decorebas matemáticas que você guarda na memória.

D: Tá. Continue... o que mais tem de professor, nesta de ser aluno?

P: Ora, são unha e carne! São: pescador e pesca, arroz com feijão, queijo com goiabada, plugue e tomada. Um não se constitui sem o outro. Veja que, das perspectivas, você é ora ouvinte, ora falante, ora pensante (que é um estado ouvinte-falante, como o que estamos criando nesse espaço de convivência). Tomando-se o docente como



SUMÁRIO

essencialmente falante e o discente como essencialmente ouvinte, você já teria uma noção desse aspecto dual. Mas, vamos pra depois disso. Muitos séculos já se passaram desde Platão, alguns após Descartes e Kant. Pensando mais na existência, que é o que estamos debatendo aqui, os sujeitos são ao mesmo tempo permeados por afetos, que podem causar uma transformação no sujeito como detentor de sua condição consciente e, portanto, apta a convidar para um diálogo que permita que ele inicie o jogo, como as peças brancas do xadrez, e que só haverá partida, batalha, nessa travessia, nas jogadas, onde nesse tabuleiro somos ouvintes e falantes, peças pretas, brancas. Somos rainhas, bispos, reis, piões. Às vezes até cavalos. Não há discente sem docente, e não há docente se não há discentes. Tem que haver uma empatia, uma alteridade, para que possamos construir nossos mundos.

D: Assim todos nós formamos uma rede de conhecimento. Com nossos conhecimentos e com os conhecimentos dos nossos alunos, colegas e professores.

P: Sim, uma teia de saberes. De nossas enunciações às enunciações de outrem. Mas, diga-me, do que você lembra ou o que te marcou a ponto de você nos dizer acerca de sua vida como estudante?

SUMÁRIO

D: Bom... eu sempre gostei do ambiente escolar. Não foi fácil, como já revelei, no início, me desprender do seio familiar. Estava o tempo todo com mamãe e papai. Sentia-me desprotegido, mas ao mesmo tempo, como você trouxe a perspectiva do outro, como me vendo também ameaçador, acredito que os anos iniciais da escola me ensinaram mais a conviver do que a alfabetização (numérica, social, linguística) me serviu como vivente. Já na adolescência, migrei de uma instituição privada para uma prisão escola estadual. Eu já não era ninguém, só mais um número, mais um grão da massa.

P: Vamos falar mais sobre isso. É verdade que nós já brigamos, fomos roubados, ficávamos fora do time de futebol, mas, e os momentos de alegria?

D: Bom, eu gostava mais de algumas aulas, menos de outras. Em geral, na sala de aula, eu encontrava alegria ao aprender o conteúdo. Mas, percebia que nem todos, ou quase nenhum colega, se interessava muito. Assim, encontrava alegria em minha ilha cognitiva, mas era nos intervalos que nós interagíamos de verdade. Assim, apesar de os conteúdos estarem armazenados em arquivos organizados – decerto nos arquivos da estante perto da confraria dos pés – os momentos mais latentes, de alegria, medo, tristeza, paixão, estavam nas frestas. Aulas de educação física, quando o professor nos dava a bola

SUMÁRIO

de futebol ou de vôlei e tínhamos um pouquinho mais de liberdade de ação do que a maioria das aulas. Chegávamos na escola ao meio-dia para que jogássemos umas peladas na quadra antes das aulas. A hora mais gostosa e eterna daqueles dias. Ao contrário, na última aula contávamos os segundos para o sinal tocar e anunciar a alforria diária. Era aquela massa de jovens que se impulsionava em si mesma. Coitados dos professores, ficavam roucos!

P: Eu diria que até um pouco loucos, D! Mas, então, todo telhado é de vidro. Você já foi apedrejador e agora é apedrejado?

D: Olha, eu diria que tanto como professor quanto como estudante, posso dizer que já tive dias de alegria e de tristeza. Pensando bem, enquanto professor eu tenho aprendido mais do que enquanto aluno. Nisso, você poderia colaborar mais com nossa conversa.

P: Talvez. Vejamos... ah sim, está aqui. Anotações de 2016. O aluno M. aparentava ser mais velho que os colegas da sua turma, além de parecer ter um problema cognitivo. Sentava ao fundo, mal participava das aulas, quando aparecia. Não produzia quase nada nas aulas de Matemática. Ele tinha um movimento estranho, vivia tremendo e mexendo a cabeça pra lá e pra cá... como se estivesse à beira de um ataque epilético. Bem, na escola onde trabalhamos, os estudantes podem evoluir

SUMÁRIO

para o próximo nível, ou semestre, carregando algumas disciplinas como “dependentes”. M tinha mais de 20 “dp’s”! Assim, no final daquele semestre, M e mais dois ou três estudantes precisaram de uma avaliação de recuperação. O casal de alunos terminou e entregou, e ficou M na sala. Tomei a iniciativa de chamá-lo. Ele não tinha feito muita coisa na avaliação de recuperação. Começamos a conversar. Ele continuava com aquele movimento estranho e descompassado com a cabeça. Perguntei a ele qual era a dificuldade em aprender o conteúdo ministrado. Ele me surpreendeu quando, apesar da estranheza de seu corpo biológico, trouxe todo um contexto de uma vida cotidiana: era casado, tinha filhos, trabalhava em uma loja de informática, conservava equipamentos. Queria uma qualificação técnica, e como ainda não tinha obtido o ensino médio, procurou fazer esse curso médio-técnico em que eu lecionei. Mas ele tinha vergonha de perguntar ou de tirar dúvidas. Então, acabava perdendo oportunidades de aprender. Sei que ficamos por umas duas horas conversando e eu ensinando como fazer exercícios parecidos com os da avaliação. Ele sentou e terminou a avaliação em mais 20 minutos. Tirou oito! E, sobre os tremores, ele também não sabia exatamente o que era, mas que os médicos relataram ser “um problema neurológico”, e assim, só um aspecto físico mesmo. Gente como a gente.

SUMÁRIO

D: Que bom! Um momento, duas pessoas alegres. Mas, permita-me lembrar situações mais tristes. Em uma turma mais crítica, estava eu ensinando matemática financeira e, ao falar sobre juros compostos, apareceu o infame logaritmo. Bom, qual foi a minha surpresa quando a coordenação me chamou para conversar sobre “um assunto que eu introduzi na aula sem explicar sobre”! Ou seja: estavam quase finalizando o curso, mas porque um conceito não foi trabalhado com eles, ou não foi praticado, eu é que tinha a responsabilidade de não ensinar o conteúdo? Eles não poderiam ir atrás? Ou, pelo menos me procurar para sanar as dúvidas ao invés de me fazer passar por um momento tão embaraçoso?

P: Ok, D. Vamos lembrar o que você disse sobre escola-prisão. Agora, você não é mais o prisioneiro; você é o carrasco. Assim, e é aqui que quero chamar a atenção sobre o sujeito professor-aluno, você imagina a pressão que eles não sentiram ao tentarem se desviar dos castigos da masmorra? Se já é difícil para eles ficarem em sala de aula, esperando o sinal na última aula, alvoroçados e dispersos, deixando os professores, inclusive você, loucos-roucos, imagine quando você introduz outro instrumento de tortura, e sem aviso prévio! Você já ouviu alguma história de que, em algum presídio, os encarcerados sentassem à mesa de café para negociar as condições com os carcereiros? Para isso tem a administração geral.

SUMÁRIO

D: Entendi, acho que você tem razão.

P: Na verdade você é que tem a razão lógico-axiomática como carro chefe. Na confraria, somos todos emoção. Porque, como aparentou em nossa conversa, você se cercou de conhecimento da vida mais nas frestas do que nas aulas. Porque, como professor, você achou que ia ser diferente? Somos seres sociais e, por assim ser, temos o dever, enquanto educadores, quebrar as barras das celas e mostrar que somos feitos de toques, gestos, carinhos, sorrisos. E também, é claro, de caretas, ódios, gestos (obscenos, agressivos). Docentes e discentes, em uma batalha campal liderada por um sistema capitalístico-colonial, imposto pelas demandas do mercado de trabalho. Não sobra tempo para inventividade, criação, afecção, percepção. As linhas de força estão polarizadas em paralelo, em direção a um funil onde muitos sonham em passar, mas poucos atingem a meta. Os demais ficam entalados no bocal, e de lá excretam toda sua energia para produzir mercadorias físicas, intelectuais, virtuais. Uma massa que mal ganha o pão para se alimentar, enquanto uns poucos tem dinheiro para “pagar até as risadas”.

D: Ok, mas então, como é que fica aquela ideia de ensaio e inspiração? Se as ementas e normativas da escola não permitem abrir as celas?

P: Ora, a vida é um ensaio. E os anos em que você-eu-nós (e elas e eles), se afetam pelas linhas, pelas frestas, pelos espaços fazem parte desse ensaio. Pergunto a você: nos episódios de M e da turma crítica, quem aprendeu? Quem foi o aluno? Quem foram os professores?

D: Ok... não vou me arriscar a responder. E há quem diga que a vida não é um ensaio, porque é simplesmente vivida.

P: Melhor ainda! A vida é um ensaio às vezes. Outras vezes é um palco. E outras vezes é plateia. E, na confraria, tem um p, o PGD que já falou muito sobre essas nuances. Docente, discente, ensaio, plateia, prisão, libertação, alegrias e tristezas. Todos são diferentes. E, portanto, constituintes. Em espaços e tempos limitados e, portanto, transitórios. Assim, meu caro D, ensaio e inspiração lá na confraria são só mais duas maçãs de nossa macieira de afetos. Permita-se!

Indo embora...

Através dessa entrevista, buscamos abordar nossa experiência enquanto sujeitos que habitaram espaços escolares, em duas perspectivas: como docente e como discente. A partir disso, procuramos abordar alguns aspectos que ficaram mais latentes na entrevista que Deleuze concedeu a Parnet, bem como outros aspectos elencados a partir de outros relatos sobre o filósofo, por

exemplo o de Roberto Machado enquanto aluno seu. A ideia de ensaio e inspiração, o enaltecimento da plateia, a intenção de falar provocando outros falantes, a questão de dissolver o maior/menor, pior/melhor, em prol do simplesmente diferente. Enfatizando um direcionamento para a ideia de desconstrução, para posterior recomposição de um corpo permeado por múltiplas perspectivas, espacial e temporalmente limitadas e, portanto, transitórias, tentamos trazer diferentes momentos na convivência escolar, enquanto transeuntes da estrada da vida.

SUMÁRIO




4

**P DE PROFESSOR
EDUARDO
MARIANO
DA SILVA**



Estou a pensar que, é recorrente ou comumente versado, no sentido genérico ou universalista, sobre as palavras professor (e) e aula. Na disciplina “Arte, Filosofia e Educação Matemática”, dentre as leituras, me foi apresentado o texto P de Professor de Guilles Deleuze. Então, quero em um momento de encontro com meu Eu, discutir sobre isso. Para a interlocução dessa conversa, lembro de uma dinâmica de um evento que participei, nele a pergunta “quem você é após a meia noite?” foi feita. Nesse sentido, estabelecerei um diálogo com Maria Glória, um dos meus Eus, um eu que me permite ser livre em minha própria existência. Magô (para amigos íntimos) e eu, estabelecemos o acordo de que nossa conversa é sem julgamentos.

Maria Glória inicia a gravação do diálogo –  ►.

Edu, desde já agradeço o aceite para conversar comigo, prometo ser breve e pontual.

Maria Glória [2021]: Edu, uma questão frequente e, às vezes, em tom de indignação é: por que ser professor? Era sua pretensão desde o princípio?

Eduardo Mariano [2021]: Bom, no início eu não tinha a intenção de ser professor, mas da disciplina curricular matemática eu não tentava me afastar, não sei explicar os motivos. Eu pensava em seguir outros caminhos, mas algumas experiências com o PIBID me fizeram tomar gosto.



Naquele ambiente, em uma escola pública, em que ainda não possuíamos o diploma, me fez interrogar que ser professor não necessariamente é ter diploma de licenciado. Ser professor não é ter papel. Eu gostei do fato de dar sentido aos símbolos, de encontrar outra linguagem diferente dos livros conteudistas, de ter a sensação de sentir o frescor no rosto dos estudantes quando entendiam algo ou o que eu dizia ou quando sua dúvida era esclarecida.

MG: Essa sensação é boa para você, por quê?

EM: Porque é algo que me motiva. A gente tem esse desafio com as aulas de matemática, a aula tem que ser algo que gere emoções positivas, se for algo para frustrar o estudante, a gente não obteve êxito e não podemos nos dar por satisfeitos. Sempre me interrogo se minha aula foi satisfatória para o estudante, nem sempre consigo responder.

MG: Qual seu campo de atuação? Ensino Médio, Ensino Fundamental...?

EM: Eu já caminhei em diversas modalidades (risos), aulas particulares, noturno, licença de história e geografia. Atualmente, estou com Ensino Médio e uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, confesso que prefiro adolescentes.

MG: Por qual motivo prefere estar com adolescentes?

SUMÁRIO

EM: Não sei dizer o porquê exatamente. Por hora, acredito que seja pelo que alguns chamam de “rebeldia”, o fato de estarem não conformados com o mundo como ele está é algo que considero potente.

MG: Por que considera isso potente?

EM: É... veja...Glória, tentarei te dar um exemplo, é um dos casos que tem dias que me tira o sono, fico planejando na mente como seria essa aula. No início do ano letivo de 2020, pré-pandemia covid-19, em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, a estudante D me despertou a atenção, consegui entrar poucas vezes em sua turma, pois estávamos com problemas na lotação de professores, não haviam feito um bom planejamento para organizar a volta às aulas, havia uma deficiência grande de profissionais e salas lotadas. Já em 8 de março, a unidade escolar propôs aos estudantes que fossem produzidos cartazes para o Dia Internacional das Mulheres, curiosamente, D queria que a personagem Mulher Maravilha estivesse no cartaz da turma, o interessante é que ela a ressignificou, representou uma pessoa negra. Nesse momento, enquanto corria seu desenho, ela discutia seu gosto musical e questionava (e)s colegas de quais os gostos del(e)s.

No dia 18 de março de 2020, uma das raras vezes que consegui estar junto a essa turma, no início do

SUMÁRIO

ano letivo, tive um período de hora/aula pela manhã com eles e a turma possuía um almoço e um intervalo longo, durante o qual eram tocadas músicas para ajudar no descanso para as aulas do vespertino. Por vezes, (e) estudantes levavam suas caixas de som para ouvir as músicas que gostam, mostrando aversão ao estilo musical tocado pela escola. Nessa mesma data, na aula do vespertino, D se apresentava inconformada e inquieta, então questionei o que estava lhe afetando. D expressou sua insatisfação com o horário de descanso e as atitudes ocorridas nele, alertou sobre a ação de silenciamento dos estilos musicais tocados nas caixas de som pessoais, ela enfatizou que algumas, de fato, eram necessárias, mas que a música que ela ouvia não era de cunho pejorativo, não objetivava o corpo feminino e, ainda, que músicas tocadas pela própria unidade, como o gênero sertanejo, faziam comentários que diminuíam o corpo feminino e a fazia apologia a ingestão de bebidas alcoólicas. Diante disso, D nos contou (a mim e seus colegas), que sua música é da “quebrada” para o povo da “quebrada”, elas denunciam o racismo, o sexismo, injustiças sociais, de preconceitos de classe e territorialidade. Para mim, ela estava dando uma aula de como uma escola não deve se comportar, que a matemática posta na unidade era a de silenciamento, de apagamento da diversidade, de identidades e culturas presentes

naquele espaço. Além disso, ela discorreu sobre a importância de se pensar na intersecção mulher, negra e pobre, e no quanto essas mulheres sofriam e que a unidade poderia estar tornando um ambiente hostil para esses corpos e identidades. O que me impactou foi o seu relato de que o professor de história não quis trazer essa pauta para sua aula, isso a enfureceu. Diante disso, ela agradeceu por eu estar ouvindo-a e me proferiu o seguinte questionamento: O que podemos fazer sobre isso nas aulas de matemática, professor?

É esse tipo de pergunta que nos balança e faz querer ser professor, não é sobre dar aula naquele tempo de hora-relógio, mas de como provocamos nossos estudantes a questionar o mundo e torná-lo um lugar melhor para tod(e)s.



Corra!

Éramos milhões, até que vieram vilões

O ataque nosso não bastou

Fui de bastão, eles tinham a pólvora

Vi meu povo se apavorar

E às vezes eu sinto que nada
que eu tente fazer vai mudar

Auto estima é tipo confian-
ça, só se quebra uma vez

Tô juntando os cacos, não Barcelos, nem Antibes

Sou antigo na arte de nascer das cinza

SUMÁRIO

Tanto quanto um bom motorista é na arte de fazer baliza
 Eu tô na arte de fazer...
 Eles são a resposta pra fome
 Eles são o revólver que aponta
 Vocês são a resposta porque tanto Einstein no morro morre e não desponta
 Vocês são o meu medo na noite
 Vocês são mentira bem contada
 Vocês são a porra do sistema que vê mãe sofrendo e faz virar piada, porra
 Eu vi os menor pegando em arma,
 pois cês foram silenciadores
 Eu vi meu pai chorando o desemprego, desespero
 Pra que isso, mano?
 Eu não quero vida de pizzaio-
 lo, e sim ser dono da pizzaria
 Querem que eu me contente com nada
 Sem meu povo o tudo não existiria
 Eu disse: “Óh como cê chega na minha terra”
 Ele responde: “Quem disse que a terra é sua?”¹²



MG: Edu, e aí? Como foi essa aula, conseguiu pensar em como responder à pergunta?

12 JONGA. CORRA. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QcJ9oxMj6Jl>. Acesso em: 21 mai. 2021.

SUMÁRIO

EM: Essa aula não aconteceu mais porque no dia 23 as atividades foram interrompidas pela pandemia covid-19. Assim como Deleuze, acredito que a aula não acontece somente no tempo hora-relógio, ela acontece antes, durante e depois. Tudo que nos afeta é aula. Para D, naquele dia, a aula começou no pátio, nós professor(e)s somos quem auxilia (e) o estudante para traçar um caminho diante de suas inquietações.

MG: Foi e está sendo trágica essa pandemia, muitas pessoas estão morrendo. Me parece que a sensibilização é algo caro para você, fiquei pensando como isso afeta a aprendizagem das crianças. Diante disso, o que é um/a bom/boa professor(e) para você?

EM: Hum...essa é uma pergunta difícil...pode ser que eu não consiga te responder. É muito estranho, talvez eu embase em minhas referências de professor(e)s bons/boas, a meu ver, seria alguém que desloca (e) o estudante, que (e) tira da zona de conforto, lapida as inquietações, auxilia (e) o estudante a traçar possíveis caminhos, não silencia as inquietações, e que se permite ser professor(e)-alun(e). Em uma aula, nos colocamos também na situação de aprendizes, (e) o estudante não é um recipiente vazio. Não é no sentido de cuidar, sei que temos medo e por vezes nos afeioamos a el(e)s, porém devemos deixá-l(e)s encontrar suas próprias estratégias de combate à violência, claro que, cabe estar ali para discutir

sobre os medos del(e)s e deixar evidente que também temos medos, não somos seres perfeitos.

MG: Mudando um pouco de assunto, fiquei curiosa sobre seu início de carreira. Como foi seu primeiro contato com a escola?

EM: Magô...é meio delicado, mas interessante. Como já mencionei, o PIBID foi fundamental para mim, porém, houve um momento em que essa modalidade de bolsa estava sofrendo sucateamento e as notícias não eram nada animadoras, só ouvia dizer que um curso x, na cidade y havia perdido 5 bolsas, que havia pessoas sendo desligadas do programa sem serem avisadas. Diante dessa emergência, conseguimos um estágio remunerado pelo Instituto Euvaldo Lodi – IEL, no entanto, eu e uma amiga, fomos para uma instituição filantrópica para estagiar. Esperava aprender na prática, para além do estágio que fazíamos na graduação, algo mais tátil, ser aprendizes de professor(e)s. Para a surpresa, fomos aprendizes, só nos contaram após assinar o contrato e quando chegamos na unidade, que (e)s professores éramos nós, não haveria alguém para nos ensinar, (e)s aprendizes não possuíam professores. Não obstante, apesar de diversos conflitos com a gestão, havia alguns problemas que eram estranhos e que nos deixava irritados. A citar, papel sulfite nos era negado, quando ganhávamos era necessário partir a

SUMÁRIO



SUMÁRIO

folha em quatro partes para que as crianças fizessem as atividades sobre convivência e fortalecimento de vínculos, sem contar as contradições, nos era orientado que todos os dias da semana, exceto terça-feira, as crianças deveriam fazer atividades de recreação dentro da sala e somente na terça as atividades eram no pátio com mesas de jogos e/ou quadra para praticar esportes. Aí que eu me enfurecia, esse momento era muito esperado pelas crianças, a expectativa de correr para o e no pátio faziam os olhos delas brilhar, mas a gestora nos proibia de retirar as crianças da sala, inventavam de lavar o pátio ou a quadra. Eu sentia a dor daquelas crianças, eram obrigadas a se manter encarceradas e quando soava um tom de liberdade, era ceifado, eu morria junto a elas. Esse é um dos motivos que me levam a gostar de que a aula aconteça fora daquela caixa horrível que é a sala de aula ou, por vezes, reinventar a estrutura da sala de aula.

Claro que tenho outras experiências, atuei na licença de uma professora de história, apesar de eu entender pouco, busquei estudar. Diversos colegas professores me diziam que como era licença, eu não havia obrigação de explicar nada, que era só para passar no quadro, mas eu não me sentia confortável, queria ser professor e não mero replicador de conteúdo.

MG: Que conselho daria para quem quer ser professor(e)?

EM: Eita! É uma resposta perigosa (risos). Eu diria para se entregar, se permitir ser professor(e), não se colocar como detentor(e) do conhecimento, aliás, há diversos conhecimentos, não vá na intenção de transmitir saber, mas esteja aberto ao diálogo com saberes. É preciso emocionar e estar disposto a ser emocionado. Esse é meu ponto de vista, acho que preciso pensar melhor sobre isso.

MG: Eu poderia ser professora? Uma mulher sexy, mas com traços masculinos?

EM: Talvez já seja professora. O corpo não define, ao menos não deveria definir, quem pode ser professor(e) ou não. Acho que aí está a grande questão, será que podemos considerar professor(e)s aquel(e)s que dão aula para além dos saberes disciplinares?

MG: É um convite, né, Edu?!

EM: Sim, precisamos refletir mais sobre isso, pensando melhor...

MG: Tem razão. Edu, não queria te interromper, mas ainda tenho que pegar o ônibus para chegar em casa, sabe que é perigoso para pessoas como nós, não heteronormativas.

EM: Claro, Magô, que insensibilidade a minha. Eu te acompanho até o ponto de ônibus.

MG: Obrigada pela conversa, Edu. Quero fazer ao menos mais dois encontros para discutir mais sobre isso, pode ser. Parei de gravar.

EM: Maravilha, podemos sim.



5

**P DE PROFESSORA
LAÍS CARVALHO
VIEIRA BARBOSA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.612.90-100

Pensando um pouquinho sobre minha prática docente, numa conversa imaginária com a ajuda do meu irmão, Diego, que se foi no inverno de 2015...

Diego: Então, Laís, estava aqui pensando que na sua profissão – professora. Começou a dar aula desde seu primeiro ano de sua graduação em Pedagogia lá pelos anos de 2009, ou seja, você nem estava formada ainda e já dava aulas. Isso é que é gostar de ser professora. Acho que eu nunca te perguntei isso, mas o que te levou a escolher a profissão de professora?

Laís: Você não lembra? Desde criança, eu gostava de brincar de dar aulas e você, Diego, além de meu irmão assumia também a função de ser meu aluno. Eu tinha uns 7 anos e você uns 6. Acho que foi naquela época em que brincávamos de professora e aluno que comecei a idealizar meu sonho de ser professora um dia.

D: é verdade... agora me lembro de ter sido seu aluno... só não consigo me lembrar, com muita clareza, como foi sua mudança para a Pedagogia. Você parecia gostar da Física.

L: é, eu gostava. No ano de 2007, fui aprovada para o curso de Física da UFMS. Nos dois anos em que fiquei nesse curso, fiz muitas coisas interessantes, como, por exemplo, participar de um projeto, na Casa da Ciência, cujo objetivo era confeccionar brinquedos com materiais recicláveis.

Depois, fazíamos a distribuição dos brinquedos para as crianças do bairro Nova Lima. Foi nesse contato que comecei a perceber que estava no curso errado e, no final de 2008, prestei vestibular para Pedagogia na Uniderp, dando, assim, início ao meu sonho que havia começado lá atrás quando eu brincava de dar aulas para você.

D: mas você não precisava sair do curso de Física para ser professora. Poderia ser professora de Física.

L: você tem razão, Diego, mas, com as crianças do bairro Nova Lima, descobri que eu queria ser professora de crianças, por isso fui fazer Pedagogia, em 2009.

D: ah!! Agora entendi. E você deu tanta sorte, que logo encontrou trabalho na sua nova área, né?

L: é verdade, Diego. Comecei a graduação em fevereiro de 2009 e um mês depois consegui um estágio remunerado em uma escola particular “Amarelinha – Colégio Yellow”, onde auxiliava as professoras desde do berçário até o 5º ano. Com isso aprendi muito e pude, no ano seguinte, colocar esses conhecimentos em prática quando fui chamada para trabalhar em outra escola da rede particular de ensino de Campo Grande, MS. Nesta escola, não era mais auxiliar, mas sim, regente de turma. Em 2010, assumi uma turma no Jardim III e, no final daquele ano, nasceu meu primeiro filho, seu sobrinho Guilherme. No

ano seguinte, optei por não voltar a trabalhar e apenas finalizar o último ano da graduação.

D: fazer faculdade, cuidar do baby Guilherme e ainda trabalhar fora ficou pesado, né, irmã?

L: é verdade, mas não fiquei muito tempo parada, pois, no início de 2012, consegui uma turma do 3º ano, no matutino. Foi uma maravilha, pois podia levar o Guilherme comigo e enquanto eu dava aulas, ele ficava no berçário. Em abril, do mesmo ano, fui indicada, por uma amiga, para cobrir uma licença de quinze dias, de uma professora do 4º ano, na Escola Estadual Zamenhof no período vespertino. Aceitei e, no período da tarde, deixava meu filho com nossa tia. Lembra?

D: como eu me esqueceria de ver seu corre-corre para dar conta de tudo????

L: vida bastante corrida mesmo. No final de 2009, depois de um ano na nova graduação, prestei um concurso para educação infantil da prefeitura de Campo Grande, MS e acabei sendo aprovada. Fiquei no final da lista, pois mal havia acabado de ingressar no curso de Pedagogia. Para minha feliz surpresa, em janeiro de 2014 fui chamada para assumir uma vaga no concurso que eu havia feito em 2009. Pedi demissão da rede particular e ingressei no serviço público. Assumi uma turma

de berçário. Assim, pela manhã, eu assumi minha vaga no concurso e, à tarde, acabei ficando na vaga que, a princípio, era só uma licença de quinze dias. A professora que eu havia substituído continuou afastada para tratamento de saúde até se aposentar.

D: como você prepara suas aulas? São aulas dinâmicas? Criança tem muita energia, né?

L: sim, as crianças têm muita energia e não se deixam enganar com enrolação. É preciso envolvê-las integralmente nas atividades. Em todas as escolas onde trabalhei, era necessário seguir um plano de aula. Havia um referencial teórico e, a partir desse documento, preparava minhas aulas. Lembra da lição do nosso pai? Dar o melhor de nós mesmos onde quer que fôssemos trabalhar. Nunca esqueci essa lição e por onde eu passava, escolas grandes ou pequenas, tinha firme na cabeça a ideia de dar o melhor de mim para o trabalho em questão. Essa lição está presente no meu cotidiano, sempre dou o meu melhor e, com isso, procuro inovar minha prática docente, fazer cursos de formação continuada, estudando mais, enfim, coisas que me possibilitem ser uma professora melhor para minhas crianças a cada dia. Com a Educação Infantil, mais precisamente, comecei a inovar me fantasiando para dar aulas, contava histórias, bem como outras atividades diversificadas. As datas comemorativas são uma boa oportunidade para




 SUMÁRIO

eu deixar minha meninice falar mais alto. Viro criança, me divirto muito e elas ficam encantada com o faz de conta no qual tento transformar minhas aulas.

D: você está falando do seu professorar com as crianças, mas gostaria de saber também como é sua relação com seus colegas de trabalho, vocês compartilham materiais, trocam ideias de atividades? Há parcerias?

L: durante esses quase dez anos de sala de aula, passei por algumas escolas e sempre encontrei bons parceiros para trabalhar. A escola que mais me marcou foi a Zamenhof, onde fiquei de 2013 a 2017. Lá fiz grandes amigos e conheci meu grande amor. Mas o início não foi fácil. Cheguei lá com medo, pois era meu primeiro contato com a escola pública. Até então, só conhecia a realidade das escolas particulares. Encontrei algumas dificuldades, no início, porém meu marido, que na época era coordenador de área (matemática), me dava algumas sugestões, assim como minha grande amiga de hoje, que também conheci lá. Ela dava aulas no 5º ano e me passava várias sugestões de atividades. Depois do acolhimento e solidariedade dos dois, passei a me sentir em casa. Com o passar do tempo, fui ajudando novas professoras que estavam iniciando algum trabalho, porque me ajudaram muito quando precisei e acredito que precisamos ajudar nosso próximo, pois só crescemos com essas atitudes.


 SUMÁRIO

D: como é sua relação com a direção, coordenação? É tranquila?

L: sempre mantive uma boa relação com diretores e coordenadores das escolas em que trabalhei e trabalho. Uma relação pautada, sobretudo, no respeito. Procuro cumprir com prazos de entrega de planejamentos, relatórios dentre outras atividades inerentes ao ofício. Em algumas escolas, consegui, inclusive, construir boas amizades com pessoas da direção e da coordenação, mas isso não me garantia qualquer privilégio frente aos meus colegas de trabalho, pois faço questão de não misturar meus compromissos de trabalho com as relações de amizade.

D: e você consegue isso, Laís? Separar direitinho trabalho de vida pessoal?

L: por enquanto tenho conseguido, Diego. No entanto, não posso garantir que será sempre assim, pois como disse a professora Angela Guida, numa aula sobre o filósofo Espinosa, na disciplina Filosofias e artes na educação matemática, que fiz com ela no mestrado em educação matemática, tudo vai depender dos encontros, que vão gerar alegrias ou tristezas e, conseqüentemente, aumentar ou diminuir minha potência de agir. Até agora, tive encontros alegres, ou seja, que aumentaram minha potência.



SUMÁRIO

D: fiquei feliz por você estar no mestrado e que, até agora, está tendo bons encontros. Me conta por que decidiu fazer?

L: sempre tive o sonho de fazer um mestrado. Tentei, em 2015, na UEMS, porém foi um ano muito difícil para mim. Sofri um baque imenso em agosto e a prova foi em novembro. Não tive condições emocionais para me preparar adequadamente e acabei sendo reprovada.

D: é, posso ter uma ideia do quanto o ano de 2015 foi pesado para você...

L: não foi fácil mesmo, mas, em 2020, já fortalecida, resolvi tentar novamente o processo seletivo, na mesma universidade, porém, antes decidi fazer uma disciplina como aluna especial. Fui aceita para cursar a disciplina – Educação especial e diversidade – ministrada no Mestrado em Educação. Fiz a disciplina e, no final de 2020, participei do processo seletivo da UEMS. Fui reprovada na produção de um artigo, o que me deixou bastante triste. Comecei a acreditar que aquilo não era para mim, porém, meu marido e amigo não me deixou desanimar. Ele me falou sobre a possibilidade de fazer o processo seletivo em outra universidade. Me disse que o processo seletivo para o mestrado em educação matemática, na UFMS, estava com inscrições abertas e me sugeriu participar. Havia apenas uma semana para encerrar as ins-

SUMÁRIO

crições, mas criei coragem: fiz um projeto, me preparei para uma prova dissertativa e para a arguição. Meu marido havia tentado o processo seletivo no mesmo curso e na mesma instituição, porém, para o doutorado. Ambos estávamos ansiosos pelo resultado. O resultado dele saiu primeiro. Ele foi aprovado e ainda esperávamos pelo meu resultado com alguma ansiedade. Após uma semana, chegou ao fim aquela tensão. Foi uma explosão de alegria e de felicidade. Eu havia sido aprovada também. Ficamos muito felizes com o resultado. A alegria só não foi maior porque você não estava junto de mim.

D: eu sei disso. Tristemente, por motivos alheios a minha vontade, não pude estar com você em carne e osso, mas, de alguma forma, eu estive presente sim. Minha felicidade, mesmo a distância, também foi grande por sua conquista. Também comemorei com e por você.

L: é verdade, Diego...

D: voltando ao seu mestrado, você já tem planos para depois? Pretende, como meu cunhado, fazer um doutorado também?

L: bem, tenho sim alguns planos. Quero assumir uma coordenação pedagógica. Na verdade, sempre quis, mas não me sentia muito preparada. Acredito que agora, com mais tempo de escola, mais leituras, mais co-

nhcimentos acadêmicos e de vida, eu já me sinto com mais segurança para enfrentar um cargo dessa natureza. Estou tão empolgada que também já ando pensando fazer um doutorado, tão logo eu termine o mestrado. Com o doutorado, penso em ir um pouco mais longe... além da coordenação pedagógica, quero ser professora em uma universidade. São planos, por enquanto... coisas para outro tempo. Por ora, preciso me ater no mestrado, pois daqui a pouco começo escrever a dissertação e, quem sabe, uma coordenação.

D: quem diria... ser professora de universidade!!! Para quem, lá no começo, queria trabalhar só com crianças, chegou, inclusive, a desistir do curso de Física porque queria ser professora de crianças, é uma grande surpresa ver sua empolgação por se tornar, um dia, uma professora universitária. Que bom te ver tão segura de si e cheia de planos...

L: a vida é uma escola, Diego. Aliás, a maior de todas.

D: se é... para finalizar nossa conversa, gostaria que me contasse o que você considera mais importante no seu P de professora.

L: ser professora, para mim, significa tentar transformar alunos e alunas em pessoas que possam sonhar com um futuro melhor, com novas e melhores expectativas. Eu me



sinto muito realizada com minha profissão, pois amo o que faço e acredito que faço bem. No entanto, me entristece constatar que a docência, infelizmente, como você bem sabe, não é muito valorizada, principalmente, nesse último ano, que estamos enfrentando o vírus da covid-19, pois ouvimos, com frequência, pessoas dizendo que nós professores e professoras não estamos trabalhando, ou seja, ficamos em casa, no trabalho remoto, sem fazer nada. Porém essas pessoas ignorantes nem imaginam que estamos trabalhando o dobro, não temos descanso, pois enviam mensagens a qualquer momento. Não temos mais privacidade, nossa vida em família é invadida a todo momento. Mesmo decepcionada, não me deixo abater. Sei o que estou fazendo e, mais que isso, sei que faço a diferença para meus alunos e alunas. Essa certeza me fortalece.

D: muito bem, Laís!!! Estou orgulhoso de você. Até um dia!

L: até um dia, Diego!



**P DE PROFESSORA
MICHELE
CRISTINA
DA SILVA**



ENTREVISTADORA: Então, vamos falar sobre o P de Professora Michele. Hoje, você tem 37 anos e, durante 17 anos, você trabalha como professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás, atuando na Educação Básica em uma mesma Unidade Escolar no Ensino Fundamental (EF) e no Ensino Médio (EM) na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Este ano está de licença para o Doutorado em Educação Matemática. Você está sentindo falta das suas aulas?

MICHELE CRISTINA DA SILVA: Sim. Fui acolhida no Colégio Estadual “Maria das Dores Campos” em 2004 e nesse colégio atuei durante todos esses anos. Até 2020, essa unidade atendia alunos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio na modalidade EJA. Agora, em 2021, o colégio deixou de atender a EJA, ficando o atendimento exclusivo para o Ensino Fundamental. Vale registrar aqui que junto ao grupo gestor do colégio, lutamos muito para a permanência dessa modalidade de ensino, o que não foi autorizada pela secretaria de educação pois o Estado está em período de redução de gastos e os cortes na educação vem fechando turmas, modalidades de ensino e algumas unidades escolares. Em meio a Covid-19, no final de 2020, participei da seleção para o Doutorado em Educação Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e fui aprovada. Iniciei essa nova etapa em março desse ano. Eu gosto muito da sala de

aula e tenho um envolvimento enorme com as turmas e com os alunos. Mas, não estou sentindo falta. Confesso que a pandemia me afetou bastante e as aulas não presenciais estavam me cansando muito. Estava sempre angustiada e com um cansaço mental enorme.

E: Quando você começou a atuar efetivamente como professora de Matemática?

MCS: Foi em fevereiro de 2004. Tinha concluído a graduação em Matemática no final de 2003 e tive a oportunidade de fazer o concurso público para professor da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Fui aprovada e no início de 2004 já fui convocada. A experiência que tinha era o estágio supervisionado que havia feito em 2003. No estágio, trabalhava em dupla com uma amiga, a Kamila, e com a supervisão do professor Michel. Além do estágio, tenho vagas lembranças de um projeto de extensão do Curso de Matemática/UFG-Campus Catalão, intitulado Projeto Galileu, em que alguns alunos da Licenciatura ofereciam aulas de Matemática para a comunidade. Era um preparatório para o Vestibular que acontecia aos sábados. Quando fui convocada para assumir as aulas no Estado, Djalma era diretor do colégio onde tinha feito o estágio. Ele havia feito o pedido para que eu fizesse parte da sua equipe tendo me oferecido 30 aulas de Matemática, porém optei por um colégio que era mais próximo

de casa para facilitar a ida ao trabalho. Nessa unidade, foram oferecidas 21 aulas, sendo 5 aulas de matemática no período matutino e as outras 16 aulas de Física no Ensino Médio (EM) da EJA no período noturno.

E: Como foi seu primeiro dia como professora? Você se lembra? Como foi essa experiência no início?

MCS: Não lembro do primeiro dia. Lembro um pouco das turmas e do espaço físico das salas de aula. Com os alunos do sétimo ano (no período matutino) a dificuldade era com a disciplina. Levou um tempo para conquistar a atenção e o respeito. Com os alunos da EJA a dificuldade era a minha imaturidade e a insegurança com o conteúdo a ser trabalhado. Eles eram todos adultos, trabalhavam o dia todo e chegavam cansados no colégio. Eu fazia os planejamentos como se fosse trabalhar com adolescentes que tinham o dia todo para estudar e realizar atividades em casa. No meu entendimento, eles precisavam compreender os conteúdos e realizar todas as atividades propostas. Por vezes, eles não conseguiam realizar as atividades por falta de tempo e eu não entendia que o único tempo que eles tinham para estudar era aquele em que estávamos reunidos no colégio. Com relação as aulas de Física, lembro que o tempo que eu precisava para planejar as aulas era enorme e ainda ficava insegura ao chegar em sala. Não me sentia preparada

SUMÁRIO

para dar aulas de Física, não era minha formação. Eu gosto muito de estar em sala de aula com os alunos e a interação que sempre tive com eles me proporcionou aprender a lidar com as situações desafiadoras e seguir a trajetória. Todos os desafios contribuíram com meu crescimento e foram me definindo enquanto profissional.

E: Compreendo. Por mais que os estágios deem uma base, acho que realmente estar sozinha em uma sala de aula deve ser difícil em um primeiro momento e ainda ter que lidar com esse tipo de situação que você encontrou com o pessoal da EJA. Voltando para esse ano (2021), você estava sendo professora de Ensino Fundamental, certo? Atuando com oitavos e nonos anos, e frequentemente ouvia que a Matemática é “chata” e “difícil”. De que forma você tenta contornar essa situação para que os alunos se interessem mais pela disciplina?

MCS: Muitas vezes, a matemática é tudo isso mesmo... não acha? Tem a brincadeira de iniciar as aulas falando que “amamos matemática”. Na realidade, sei que alguns amam, outros nem tanto, outros aprendem a amar e outros podem não amar e está tudo bem. Esse ano foi um ano difícil. Com a pandemia da COVID-19 iniciamos o ano letivo sem contato presencial com os alunos e o ensino remoto dificulta conhecer os alunos e as particularidades de cada aluno. Em sala de aula presencial, sempre leva-

SUMÁRIO

va atividades diversificadas para motivar os alunos e observar as habilidades que cada um já tinha desenvolvido em determinada área. Muitas vezes, a maneira com que o aluno lida com a Matemática demonstra que ele não aprendeu os conceitos básicos e não consegue desenvolver as atividades. Uma forma de buscar contornar esses sentimentos de repúdio pela Matemática é falar sobre outros assuntos e ouvir os assuntos que os alunos trazem para a sala de aula. Dar atenção e buscar aproximar dos alunos é uma estratégia que aproxima os alunos tanto do professor quanto da Matemática em si. Os alunos precisam se sentir à vontade para falar dos conteúdos e sobre qualquer outro assunto. Essa liberdade abre espaço para a aprendizagem de conteúdos de matemática também.

E: Verdade, estamos enfrentando uma situação bem complicada por conta da pandemia da COVID-19. E diante disso, como você se sentiu com o ensino remoto?

MCS: Angustuada por saber que muitos alunos estão sem acesso às aulas. Sei que muitos gostariam de estar estudando e não tem condições. Muitos alunos não têm acesso às tecnologias, não tem internet e não conseguem participar como gostariam das aulas. Durante as aulas síncronas, percebia que muitos alunos não estavam compreendendo o conteúdo. Por mais que eu buscasse novos modos de explicar, ou trabalhar outras atividades

SUMÁRIO

de formas diferentes, ainda assim sentia que muitos ainda apresentavam dificuldades para compreender. Muitas vezes, me encontrava refletindo sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos que estavam em casa, somente com atividades impressas, sem auxílio do professor ou de recursos para assistir vídeos sobre os conteúdos. Se para muitos alunos que tem acesso às tecnologias, às aulas síncronas com os professores percebemos que as dificuldades surgem a todo momento, fico imaginando o quanto é difícil para os alunos que não têm esses recursos. Tem o sentimento de cansaço também, pois a quantidade de trabalho é muito maior e o retorno muito menor. Isso me afetou muito. Sempre estava com trabalho acumulado e atrasado. Uma ou outra tarefa deixava de ser realizada por não conseguir fazer tudo no tempo determinado.

E: Pelo tempo que te acompanhei durante as aulas também pude perceber um pouco disso com mais clareza, mas também percebi que você é uma professora que gosta muito do que faz. Exerce com paixão e muita dedicação sua profissão. Então, como está sendo ter que dar essa pausa na atuação como professora para se tornar estudante, novamente, durante o doutorado?

MCS: Gostar do que faz é fundamental. O professor precisa gostar de estar em sala de aula. Eu gosto muito. Mas, a pausa na atuação veio em boa hora. Como já disse,

SUMÁRIO

estava muito cansada do ensino não presencial e das exigências a todo momento. Com um mês de licença (30 de maio de 2021), estou conseguindo me organizar melhor, concluindo as tarefas burocráticas do colégio que estavam pendentes. Quanto a voltar para a sala de aula como aluna está sendo desafiador. Estou aprendendo a lidar com cada um dos desafios que surgem. Durante o tempo que conciliei o trabalho com as disciplinas do doutorado foi um período muito difícil. A qualidade das minhas aulas já não era a mesma e como não conseguia fazer todas as leituras e atividades propostas não participava como gostaria das discussões que se apresentavam durante as aulas do doutorado. Agora, com um pouco mais de tempo já estou começando a me adaptar às leituras e as atividades propostas. Está sendo uma experiência riquíssima. A Educação Matemática tem me mostrado outros modos de olhar para a sala de aula e para as necessidades dos alunos enquanto seres humanos.

E: Qual a maior dificuldade que você enfrentou durante sua trajetória como professora?

MCS: A quantidade de aulas. Para ter um salário maior no final do mês, na maioria dos anos de atuação assumi uma quantidade de horas aulas semanais exaustivas. O tempo para planejamento era mínimo, o que comprometia a qualidade das aulas, o tempo para a família era restrito e a qualidade de vida era deixada em segundo plano.

SUMÁRIO

E: Como você lida com os alunos que tem mais dificuldades?

MCS: Levou muito tempo para aprender a lidar com essa questão. Por muito tempo fui aquela professora de Matemática preocupada com o conteúdo e com a aprendizagem de conteúdos de Matemática. A dinâmica das aulas era apresentar o conteúdo previsto na matriz curricular e fazer com que a maioria dos alunos desenvolvessem as habilidades esperadas. Vale ressaltar que, nessa maioria de alunos, não estavam aqueles com mais dificuldades. No entanto, apesar de perceber que muitos alunos apresentavam dificuldades e não conseguiam avançar eu seguia avançando com os conteúdos e aqueles alunos seguiam avançando com as dificuldades (cada vez maiores). Eu criava algumas estratégias para o avanço desses alunos. Olhando para trás, reconheço que muitas outras estratégias poderiam ter sido acrescentadas. Hoje, sou mais cuidadosa nesse sentido e já não sinto a necessidade de cumprir com todo o currículo. Entendo que os alunos que apresentam mais dificuldades são os que mais precisam da mediação do professor. No momento de preparar as aulas são nesses alunos que procuro pensar na maioria das vezes. Como o aluno com mais dificuldade vai desenvolver suas habilidades? Qual a melhor forma de abordar esse conteúdo? Não é só planejar uma aula



SUMÁRIO

de matemática. É planejar uma aula que vai contribuir com a aprendizagem de todos os alunos.

E: No início da sua carreira, quais eram suas maiores expectativas? Hoje olhando para esse passado, é possível dizer que estas expectativas foram atingidas?

MCS: Trabalho em uma escola pública desde o início da minha carreira. Tinha a expectativa de contribuir com a formação e transformação da realidade dos alunos. Vejo que em partes, estas expectativas foram atingidas. Muitos alunos se tornaram bons cidadãos, seguiram suas trajetórias de estudante, se formaram e ocupam bons cargos em suas profissões e melhoraram as condições de vida das suas famílias e da comunidade. Nesses casos, o coração se enche de orgulho e satisfação pelo dever cumprido. No entanto, muitos dos alunos que passaram por minhas aulas e frequentaram por vários anos nosso colégio, infelizmente, se perderam, se envolveram em crimes, foram presos ou até perderam a vida. Nesses casos, me sinto frustrada e com a sensação de impotência por entender que a escola enquanto instituição e espaço de formação não conseguiu mostrar caminhos mais seguros a seguir para esses alunos.

E: A educação é um artifício em constante mudança, como você se mantém atualizada?

SUMÁRIO

MCS: Manter atualizada é uma necessidade constante. Sempre busquei participar de cursos e formações ao longo da carreira com o objetivo de enriquecer meu conhecimento e estar preparada para atender da melhor forma possível as demandas de trabalho que eram a mim atribuídas. Não atuei somente em aulas de Matemática. Atuei em outras disciplinas e em outras funções dentro da escola. Isso exigiu que eu buscasse além da formação continuada na área da Matemática, aprender sobre conteúdos de outras disciplinas e aprender sobre outras funções. No início da carreira eu sempre tinha aulas de Física, então voltei para a Universidade e cursei dois anos e meio do curso de Licenciatura em Física. Não cheguei a concluir esse curso por questões pessoais. Esses dois anos e meio foram muito importantes para melhorar a qualidade das aulas de Física que vez ou outra estavam sob minha responsabilidade. Não tinha professor com formação na área de Física e as aulas eram distribuídas entre os professores de Matemática. Atuei algum tempo na função de dinamizadora de biblioteca. Essa experiência foi maravilhosa. Eu tive a oportunidade de ler e incentivar os alunos na leitura de muitos livros. Tenho muitas boas lembranças dessa atuação. Algum tempo atuando como Coordenadora. Atuei como Gerente de Merenda, que era uma função administrativa, hoje chamada de Coordenador Administrativo Financeiro

SUMÁRIO

(CAF). Nessa função, aprendi sobre as formas de administrar as verbas federais e estaduais que são destinadas para as unidades escolares para a compra de gêneros alimentícios para a Merenda Escolar. Fazia muitos cálculos e malabarismos para garantir que o cardápio fosse servido adequadamente de acordo com as orientações de nutricionistas da Secretaria de Educação. Ao deixar essa função, passei a atuar como Professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma sala de recursos. Essa atuação durou pouco mais de dois anos (2017-2019) e considero das mais importantes de toda minha carreira. Eu não tinha cursos ou formações específicas para a função. Iniciei esse processo de formação já inserida na função. Realizei vários cursos e participei de diversas formações. Alguns semestres fazendo curso de Libras, Formação em aplicativos de Tecnologia Assistiva (TA) e dispositivos móveis destinados a alunos com Baixa Visão (BV), Curso de Orientação e Mobilidade para pessoas com BV, Curso de Educação Especial com Ênfase em Comunicação Alternativa, dentre outros. No início de 2020 com as constantes mudanças nas modulações de professores, minha atuação como professora de AEE não foi permitida pela secretaria, retornando assim para a sala de aula de Matemática.

E: Olha que interessante. Como foi esse período trabalhando na Educação Especial?

SUMÁRIO

MCS: Foi um período de muito aprendizado e muito gratificante. Foi muito bom vivenciar as experiências com os alunos. Todo dia aprendia algo novo e descobria que precisava ir além e buscar novas formas de ensinar. O atendimento era feito em três turnos de acordo com a disponibilidade dos alunos e da família. Eram vários alunos, cada um com sua especificidade. Eu estudava cada uma delas para buscar os melhores recursos que poderiam ser oferecidos a cada aluno de maneira única. Foi nesse período que vivenciei e compreendi de fato que cada aluno tem um tempo de aprendizagem e que cada um aprende de maneira única.

Tenho muitas lembranças do trabalho que realizei naquela sala de AEE. Foram vários trabalhos importantes e relevantes realizados com os alunos. Dois deles merecem destaque aqui. Em um deles, desenvolvemos uma espécie de capacete com uma vara de alumínio para que um aluno pudesse teclar com movimentos com a cabeça no teclado colmeia. Esse aluno tinha movimentos involuntários nas mãos o que impossibilitava que ele escrevesse. Esse trabalho foi desenvolvido com auxílio de alunos do PIBID – Física da Universidade Federal de Catalão (UFCat).

O segundo destaque está na inserção de tablets para os alunos com BV. Uma formação foi oferecida pela Pro-

SUMÁRIO

fessora Doutora Wanessa Ferreira Borges (UFCat) na qual ela apresentou aplicativos de Tecnologia Assistiva (TA) que poderiam ser utilizados pelos alunos com baixa visão em sala de aula. Os recursos de TA que foram apresentados na formação aos professores eram ensinados aos alunos com BV durante os atendimentos no AEE. Com o apoio das famílias que adquiriram os tablets para dois dos meus alunos, apresentamos recursos de acessibilidade como contraste, zoom tátil, inversão de cores, *talkback*, lupa, dentre outros. A utilização de outros aplicativos como o scanner e o super *vision* também foram apresentados aos alunos. Esses recursos eram apresentados aos alunos nos encontros semanais que aconteciam na sala de AEE, onde os alunos tinham a oportunidade de experimentar os recursos praticando. A prática diária continuava em sala de aula.

Esses recursos de TA enriqueceram a aprendizagem e possibilitaram autonomia e independência aos alunos. Os resultados positivos observados ao ver a apropriação dos alunos com BV às tecnologias reforçam a ideia de que a formação de professores para trabalhar com o público-alvo da Educação Especial deve ser ampliada para um número maior de professores.

E: Você fez especialização e mestrado em Matemática?

SUMÁRIO

MCS: Sim. A especialização foi em Matemática, sendo orientada pela Professora Doutora Marta Borges e o Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT), sendo orientada pela Professora Doutora Élide Alves da Silva. Agora, iniciando o Doutorado em Educação Matemática sob a orientação do Professor Doutor João Ricardo Viola dos Santos.

E: Isso é ótimo para você, espero que aproveite bastante tanto a licença, quanto o doutorado que só irá te agregar coisas boas que já são nítidas pela nossa conversa, porque você leva sua essência que é essa real preocupação pelas necessidades dos alunos. Foi ótimo poder te entrevistar, conhecer um pouco mais sobre a sua trajetória e o modo que lida com tudo que está acontecendo ao seu redor.

MCS: Michellen, eu só tenho a agradecer a você, a Dayane e a Maria Gabriela que enviaram questões para essa entrevista. Vocês representam nesse momento todos os alunos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Docência (PIBID) do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Catalão (UFCat) que me acompanharam durante as aulas não presenciais enquanto eu estava no papel de Professora Supervisora do PIBID - Matemática, com os quais eu pude, de alguma maneira, contribuir mostrando um pouco da minha atuação como Professora de Matemática e que

tanto contribuíram e enriqueceram a dinâmica das aulas. Desejo que vocês atuem como professores sempre olhando com cuidado e atenção para todos os alunos que atravessarem suas salas de aula ao longo da trajetória profissional de cada um de vocês.

SUMÁRIO





**P DE PROFESSOR
VALTER ROCHA
DA SILVA
OU DE VOLTA,
PROFESSOR:
para o futuro**



Tentando começar...

Mais um dia de sábado; nas minhas contas, são 3130 sábados vivendo neste planeta, a Terra. Hoje é dia 24 de maio de 2042; faltam apenas 2 dias para meu aniversário de 60 anos, e minha consequente aposentadoria da carreira de professor. Muitas coisas mudaram desde os anos 20 do século XXI, incluindo os muitos corajosos colonos que agora povoam e terrificam Marte e Titã. Bom, mas não pretendo agora falar do presente nem das minhas expectativas para os dias felizes e tranquilos que hei de desfrutar.

Antes da aposentadoria, entretanto, tenho uma tarefa a cumprir, muito atrasada, por sinal; fora dada por uma professora de pós-graduação há 21 anos. Trata-se de um relato da minha vivência de professor até o ano de 2021. Como se passaram muitos anos, não me recordo tão bem das coisas, e por isso, resolvi entrar na “máquina do tempo” e entrevistar a mim mesmo, no passado. Por óbvio, não revelarei a mim (ele) a minha (dele) identidade. Também não revelarei que sou do futuro. Apresentar-me-ei como Humberto e direi que se trata de uma pesquisa educacional. Encaminharei este relato para a professora, e ficará ao critério dela incluir na obra este prefácio.

Entrevista

Humberto: Professor Valter, quais suas primeiras recordações de uma sala de aula enquanto aluno? Como eram suas professoras?

Valter: Vou me esforçar para respondê-lo, Humberto. Acessando minhas memórias mais pretéritas, especificamente aquelas que revelam minhas primeiras experiências escolares, estranhamente não lembro dos rostos das minhas professoras. Essa lacuna na minha memória fotográfica ocupa um espaço-tempo de cerca de 4 anos. Passaram-se mais de 3 décadas desde então, e agora, professor, após seu questionamento, me pergunto: como meus alunos me veem? Em quanto tempo eles descobrem quem sou?

Humberto: Você então se tornou professor para de algum modo, ganhar visibilidade? Para compreender o porquê de os professores não serem ainda tão vistos? Que influências você teve?

Valter: Não imaginava me tornar professor. Era mais provável, pensava quando adolescente, que eu seria advogado, profissão seguida por boa parte dos meus tios e primos. Eu gostava muito de ler, desde criança e, diziam-me eles: “advogados precisam ler muito”; provavelmente, declarações desse tipo somadas ao sucesso



profissional deles fizeram-me tender ao direito. Você então pode perguntar: mas então, por que professor, e não advogado, promotor ou juiz?” Tentarei responder.

Humberto: Por favor, prossiga.

Valter: A timidez sempre foi um traço marcante na minha personalidade. Ali, isolado num canto da sala de aula, ficava atento a todos os detalhes da explicação dos mestres, sem jamais encará-los; meu olhar não cruzava com o olhar do professor, certamente por nutrir um respeito pela figura do ensinante, atrelado ao temor de encarar uma figura que encarnava uma autoridade tão imponente quanto à de meu pai. Assim, seus rostos para mim continuavam enevoados. Reger uma sala de aula, dadas as circunstâncias, parecia um tanto improvável. A propósito, gosto do verbo *reger*, pois me remete à ação do maestro; talvez tenha alguma relação com o fato de o maestro ficar de costas para o público durante a apresentação, e assim, o público não vê seu rosto, tal qual eu não via o rosto de minhas primeiras professoras.

Humberto: Ainda não compreendi muito bem essa comparação entre o maestro e o professor. Pode discorrer melhor?

Valter: Deixe-me tentar: minha batuta: o giz; minha orquestra: a lousa e minhas ideias; a música: o conhecimento que das letras e rabiscos na lousa vão de encontro



SUMÁRIO

aos corpos logo atrás de mim. Talvez a analogia não seja tão apropriada – professor/maestro – mas podemos nos perguntar se de fato o que importa na sala de aula é ver a face do “maestro” ou escutar a “música” que ele produz. Sim, boa parte dos professores adoram “dialogar com a lousa”; enchem-na com suas letras, traços e esquemas enquanto recitam os conceitos para os estudantes. Confesso que enquanto eu estava sentado na carteira, acompanhando o diálogo com a lousa, me sentia mais confortável, sem o risco de meu olhar cruzar com o olhar do professor. Sentia pavor em errar ao ser questionado, e por isso, ridicularizado. De certa forma, preferia que o professor continuasse de costas, ensinando enquanto escrevia na lousa. Me pergunto hoje: o que muda quando se invertem os papéis? Como os meus alunos me veem? Como me viram? Como me verão? Gostam da minha música?

Humberto: Entendi. Aparentemente, você já compreendia a centralidade do papel do professor, e mesmo sendo introvertido, escolheu o magistério. Essa escolha foi por acaso?

Valter: Não creio em acasos; acredito em algo próximo ao que chamamos de propósito. Também hoje, não vejo mais o professor com tal protagonismo; já pensei assim, é verdade. Penso no professor como um canal, não o único, mas um importante canal. Quanto a minha timidez, creio que os problemas são superados quando os enca-

SUMÁRIO

ramos, buscamos soluções para superá-los. Alguns problemas são intransponíveis se não há habilidades adequadas à disposição. No íntimo de cada um, existe uma caixa de ferramentas, que diferem de pessoa para pessoa; aquilo que conhecemos pelo nome de dom. Acredito nisso: a timidez era o problema; a ferramenta era o conhecimento; a solução passava por enfrentar o problema devidamente municiado. Um professor pode ser tímido em sua tarefa de ensinar? Condenado será o réu cujo defensor sente vergonha de manusear as palavras! Assim, entendi que não importava se o caminho fosse o direito ou o magistério, lá estaria o mesmo muro a ser derrubado (ou superado?): o medo de errar, convertido em timidez, introspecção. A bem da verdade, não tive possibilidade de escolha: a carreira docente fora o que consegui pagar.

Humberto: Como assim, a carreira que conseguiu pagar?

Valter: Minha família era bastante humilde, e morávamos no interior. Hoje tem faculdade por tudo que é canto, mas no começo dos anos 2000, não era assim. A faculdade mais próxima, e a que cabia no meu bolso, foi uma onde haviam cursos de licenciatura. Mas de forma nenhuma tenho trauma por isso. Logo no começo do curso, percebi que eu poderia ser um bom professor de matemática e comecei a superar minha timidez. Sabe aqueles trabalhos que a gente tem que apresentar para todos na frente da

SUMÁRIO

sala? Logo no terceiro semestre me aventurei como estagiário e em pouco tempo aquele bloqueio foi embora e deixei de duvidar da minha capacidade. A propósito, eu me achava inferior aos meus colegas, por conta da minha condição social, por ter sempre estudado em escola pública. Mas enfim, acho que ser professor foi a melhor escolha que o acaso poderia ter me trazido. Você entende o uso irônico da palavra acaso, não é?

Humberto: Sim, professor. Continuando. Você disse há pouco que hoje não entende o professor mais como protagonista em sala de aula. O que o levou a essa conclusão?

Valter: Os anos de sala de aula me fizeram perceber que não adianta o professor conhecer muito sobre sua área de conhecimento, ter uma didática considerada adequada, explicar muito bem o conteúdo. Isso tudo não garante que o aluno aprenda, e não sou eu que digo, é Piaget, e outros construtivistas. Mas a vivência me fez perceber também. Há tantas maneiras pelas quais alguém pode aprender alguma coisa. Parte sobretudo do interesse do estudante. Lembro de uma leitura que fiz sobre um filósofo chamado Gilles Deleuze, onde ele relata a experiência que teve quando lecionava em Vincennes. O referido filósofo admitia qualquer um em sua aula, não importava a profissão, a escolaridade. Importava o interesse na filosofia que era ensinada, e cada um que procurava tinha

SUMÁRIO

um propósito diferente, buscava uma aplicação daquela filosofia a sua própria realidade.

Humberto: Então você não acha que o professor seja mais necessário?

Valter: Não foi o que eu falei. Eu disse que o professor era um canal, dentre muitos. A pandemia inclusive colocou em cheque esse papel, com as diversas ferramentas tecnológicas que já estavam à disposição. Entretanto, mesmo com o mundo na palma das mãos, por meio de um smartphone, quando as aulas presenciais pararam, os estudantes se viram com muita dificuldade de aprender sem a presença física do professor. Não sei se a sociedade vai valorizar o professor da forma que ele merece, mas pode-se perceber que os mestres são essenciais enquanto mediadores do contato entre alunos e saberes. É evidente que a experiência do professor e o conhecimento que ele possui são essenciais para orientar os alunos, para aparar as arestas do conhecimento, para contribuir com a autonomia dos alunos, promover reflexões no aluno que permitam que ele mesmo regule sua aprendizagem. É o que alguns teóricos chamam de autorregulação.

Humberto: Aproveitando que você falou em autonomia dos alunos, poderia me dizer o que você aprendeu com os seus?

SUMÁRIO

Valter: Olha, posso te falar que nenhuma outra profissão te permite aprender tanto, ininterruptamente. Não falo apenas da questão da formação do professor, que ainda não é devidamente vista pelos sistemas educacionais, especialmente os sistemas públicos; aprendemos diariamente com nossos alunos, mesmo sem perceber. Posso dizer que ao longo dos meus 17 anos atuando como educador, aprendi com cada situação, mesmo porque tive a oportunidade de trabalhar em diversas modalidades escolares, desde a EJA (Educação de Jovens e Adultos), passando pelo ensino fundamental e médio e incluindo a experiência como professor universitário. Também em algumas funções mais burocráticas, como quando fui diretor de escola, aprendi muito.

Humberto: Certo. Poderia ser mais específico? Tem alguma situação ou algumas das quais você queira falar?

Valter: Claro. Uma experiência que me marcou muito foi logo no início da minha jornada. Era uma turma de EJA, e todos os alunos eram meus conhecidos. Eram cerca de 10 alunos que me encontravam todas as noites ali no grupo escolar onde eu estudara nas antigas 3ª e 4ª séries do 1º grau. Frequentavam mais por consideração a mim e minha mãe, pois se eles não fossem, a turma se encerrava, e eu ficaria desempregado. Minha mãe que os convencia a irem até o fim. Ali naquela turma eu mais aprendia do que

SUMÁRIO

ensinava, é sério. Eles falavam sobre o cotidiano, como fora seu dia, a dificuldade do trabalho, etc. Eu ficava ali, escutando aquelas pessoas humildes, sofridas, e tentava puxar o assunto, o conteúdo, sem sucesso, pois logo começavam a contar outro caso. Eu ficava sem ação, talvez por ser minha primeira experiência depois de formado. Praticamente todos analfabetos; no máximo, desenhavam seu nome. No fim, aquela turma se encerrou depois de uns 4 meses, e eles pouco aprenderam comigo, mas hoje, olhando no retrovisor, percebo que quem recebeu a aula fui eu; uma aula de dignidade, de superação e de respeito. Eles se dispuseram generosamente a compartilhar comigo aquele espaço de convivência, como disse certa vez um professor, que por coincidência tem o mesmo nome que você – Humberto Maturana.

Humberto: Sim, já ouvi falar. O que mais você aprendeu?

Valter: Sabe, Humberto, sempre atuei em escolas públicas. Aqui no interior de Pernambuco, a população é muito carente. Muitos dos meus alunos do ensino fundamental e médio iam para a escola mais interessados na merenda do que na aula. Eu demorei um pouco para entender que nem todos estão em igualdade de condições para aprender. Eu cobrava bastante os alunos e pensava: “como não compreendem um assunto tão fácil, depois de uma explicação tão detalhada?”. Era um tanto presun-

çoso nessa época. As avaliações não deixavam dúvida: a maioria não aprendia a matemática que eu ensinava. Achava que era um problema de ausência de base dos alunos; ainda hoje penso que essa tal “falta de base” é vista por muitos professores como o principal fator que interfere na aprendizagem. Será mesmo que é só isso? Esses meninos e meninas chegam à escola não só com vontade de comer, mas também tem famílias desestruturadas, vivem em condições precárias de higiene, sem perspectivas, sem apoio para prosseguir. Me ponho no lugar deles, já senti de certo modo isso na pele. Lembro de um caso... desculpe, já estou mudando de assunto.

Humberto: Pode prosseguir, Valter.

Valter: Ok. Meu saudoso avô, um homem com quem aprendi o que é dignidade, me perguntou certa vez: “Como é que você vai ‘dar de comer’ à sua esposa com esse negócio de leitura? Não vai ter dinheiro nem para o sal.”. Ele não falou isso por mal. Na realidade em que meu avô vivia, ninguém tinha vencido na vida estudando, apenas trabalhando muito duro. Eram as experiências de vida dele que geravam essa dúvida quanto ao meu futuro. Quantos de meus alunos tiveram alguma barreira desse tipo? Interfere, mas não é só isso. Teve uma vez em que uma aluna, que todos sabiam que era muito carente, mas também muito esforçada, começou a faltar as aulas.

SUMÁRIO

Preocupados, fomos (a escola) investigar. O que nós descobrimos foi desolador e ia muito além do que sabíamos sobre sua vida até então. Essa aluna convivia com a mãe alcoólatra, não tinham conhecimento do paradeiro do pai, e as condições nas quais ela vivia eram extremamente difíceis. A casa em que morava, se é que se podia chamar de casa, era um cubículo, sem banheiro (havia um buraco onde faziam as necessidades), e não havia cama, apenas um colchão imundo em um piso de terra batida, que ela dividia com alguns animais – gatos e cachorros. Ela estava doente, não lembro o que era, apenas que fora em decorrência de uma chuva forte que alagou toda a casa. Logo depois, a escola se mobilizou e conseguiu algumas doações. Em seguida ela voltou a frequentar, sempre se esforçando muito para aprender. Minha dificuldade perto da dela nem se compara, e certamente muitos outros alunos hoje passam pelas mesmas condições. A gente tem que colocar isso na equação. Teria outros casos para contar, mas acho que me estenderia demais. Para mim, fica uma lição de que precisamos olhar de forma integral para o outro, tentar ser presente na vida dessas pessoas de uma forma que vai além de apenas compartilhar conhecimento, e isso inclui sermos solidários e afetuosos.

Humberto: Sobre suas referências como professor, quais foram?

SUMÁRIO

Valter: Não tem um professor específico no qual eu me espelho. Hoje vejo grandes professores, a quem eu admiro muito, e tento apreender deles o que há de melhor. Acredito que minha ação docente seja resultado dos diversos encontros que tive com meus mestres, agora, de uma coisa estou certo: os que mais me incentivaram, e foram vários, têm muita responsabilidade sobre o que me tornei. Nem eu mesmo, acho que até já falei, acreditava que era capaz de chegar a algum lugar de destaque. Eles me fizeram ter esperança de dias melhores. Não é que eu me considere estar hoje em lugar de destaque, mas se há 20 anos alguém me dissesse que hoje, eu estaria trabalhando em qualquer outro ofício ao invés de professor e ganhando pelo menos um salário mínimo, já estaria bastante satisfeito. Mas Deus foi muito generoso comigo.

Humberto: Como é a sua relação com os colegas professores?

Valter: É algo que prezo muito. Uma equipe coesa é fundamental para o bom andamento das ações pedagógicas, mesmo porque, por mais que ainda existam as diversas disciplinas na grade curricular, elas não podem mais serem vistas de forma isolada; é preciso integrá-las, chamamos isso de interdisciplinaridade, e isso pressupõe boa relação profissional. Na sala dos professores,

SUMÁRIO

é comum alguns desentendimentos; é normal haver divergência, afinal somos seres pensantes, e como profissionais do conhecimento que somos, o debate é algo que não pode deixar de existir, afinal isso é característico da ciência. Mas sobretudo há muito companheirismo. Ao menos nas escolas por onde passei, elas se caracterizavam por terem um grupo de professores fechado, com propósito. Há dias em que você chega sem muita motivação para a aula, mas encontra um companheiro que faz uma brincadeira, levanta o astral, sorri para você, te desperta. Aquilo é a energia necessária para você se reerguer e prosseguir. Aprendo muito com eles, e sempre que tenho a oportunidade, compartilho. Há muita receptividade; aprendemos uns com os outros continuamente.

Humberto: Estamos nos aproximando do fim da entrevista, professor. Confesso que me identifico muito com tudo o que você me contou, e para finalizar, gostaria de deixá-lo concluir nossa conversa fazendo as considerações que achar que devam ser feitas.

Valter: Professor Humberto, acho que você é um, não é? Mesmo que não tenha mencionado, conheço um professor pela conversa. Você deixa transparecer o amor pela educação, salta aos olhos, mesmo sendo uma entrevista em formato virtual. Vamos às considerações: alguns usam o verbo “estar” professor; eu prefiro “ser” ao invés.

SUMÁRIO

Tenho alguns revezes por conta disso, porque o lado profissional muitas vezes ultrapassa os limites da escola e chega ao pessoal. Minha família tem sido paciente, e se não fosse o apoio da minha esposa e dos meus filhos, eu não seria o que sou. Agora, por exemplo, enquanto sou entrevistado por você, falando de algo que me deixa extremamente satisfeito, lembro que minha filhinha está ali do outro lado do escritório, brincando, aguardando ansiosamente que eu chegue para também brincar. Meu filho você já viu entrar aqui por pelo menos umas cinco vezes, para me falar sobre a leitura que está fazendo. Acho que você percebeu na vídeo-chamada. Essa é uma das diferenças mais importantes entre a profissão do professor e as demais. Até mesmo nos fins de semana, lá estou eu falando do trabalho; se encontro um colega de profissão, lá vamos nós de novo falar de trabalho. Nem nas férias deixamos de lado essas preocupações. Apesar de extenuante, acho isso algo divino, mas discordo quando falam que o magistério é sacerdócio, sofrimento; para mim é uma decisão consciente onde eu recebo proporcionalmente àquilo que entrego. Finalizo lembrando de uma frase certa vez dita por Paulo Freire; em outras palavras, pois sou péssimo para lembrar de frases, digo que é a curiosidade que me impulsiona, e que sem ela, a curiosidade, não me envolve com a busca, e assim, nem aprendo, nem ensino.

Acho que, por ora, acabei...

Depois que agradei a mim mesmo pela entrevista, e encaminhei o texto para a professora, sem o conhecimento do meu eu do passado, entrei novamente na máquina do tempo de volta para o futuro em uma linha temporal alternativa, ciente de que minha ação alterara um evento do passado, com consequências no futuro. Aproveitando o efeito relativístico da dilatação do tempo durante a viagem, fiquei a refletir por longas horas sobre aquele encontro comigo mesmo, pensando qual seria minha reação (eu do passado) ao saber que Humberto na verdade era Valter. Como isso o afetaria, e conseqüentemente a mim? O mais interessante é que certamente o eu do futuro aprendera mais com o eu do passado do que o contrário.

Constato, não para minha surpresa, mas cabe o registro, que nem sempre, aquele que é mais experiente, com mais vivência, é o que ensina. Estes também podem aprender com os mais novos. E antes da minha chegada ao novo futuro, após a n-ésima releitura das minhas próprias respostas, senti um renovo da minha alma, algo que somente é possível quando você se deixa envolver em um encontro, quando toca e é tocado, quando aprende e ensina, porque aprende para amar, e ama para ensinar.

P DE POSFÁCIO E P DE PATRÍCIA

Aqui se encontra o perigo das escolas: de tanto ensinarem o que o passado legou – e ensinarem bem – fazem os alunos se esquecerem de que o seu destino não é o passado cristalizado em saber, mas um futuro que se abre no vazio, um não saber que somente pode ser explorado com as asas do pensamento. Compreende-se então que Barthes tenha dito que, seguindo-se ao tempo em que se ensina o que se sabe, deve chegar o tempo quando se ensina o que não se sabe.

Rubem Alves

Quando a minha amiga Angela teve a ideia de organizar este livro e me contou, animadíssima como sempre, sobre o projeto, eu não só a apoiei incondicionalmente como fiz questão de ajudar a organizar e participar dele escrevendo um texto também. Achei que fazia todo sentido eu escrever o posfácio porque este é o tipo de texto que vem no final, que diz alguma coisa depois que tudo já foi dito. Algo muito apropriado para o contexto do surgimento desta obra, a disciplina de *Filosofias e artes na educação matemática*, na qual eu cheguei depois que o bonde já estava andando,

SUMÁRIO



ou seja, fui convidada a fazer parte dela na terceira ou quarta aula, quando eles discutiriam sobre a Pós-verdade, um tema que me interessa muito, embora eu não seja especialista no assunto, pelo contrário, sou apenas uma entusiasta amadora.

Devo confessar que foi “amor à primeira vista”, ou então, “um amor ao primeiro encontro”. Aquelas quatro horas de aula em que dividimos a mesma tela do *meet* passaram voando, assim como passa rápido o tempo para os apaixonados. Quando acabou, ainda borbulhava uma sensação de euforia e encantamento que não cabia em mim e eu senti a necessidade de compartilhar isso com a Angela. Eu precisava agradecê-la pela oportunidade que havia me dado de poder conversar com pessoas tão incrivelmente abertas a escutar, a dialogar, a trocar ideias, experiências, sentimentos... e como tudo o que é bom na vida, eu não queria que aquilo acabasse tão cedo e fiz questão de me auto-incluir como aluna da/na turma, na tentativa desesperada de estender um pouco mais aquela sensação. Fui aceita.

Eu não me lembro de ter estado, na minha vida acadêmica, diante de uma turma tão disposta a falar sobre si e a rever, reler e reinventar conceitos aparentemente cristalizados. O que vimos aqui, neste livro, foi uma prova dessa disposição e sensibilidade de verda-



deiramente olhar para trás e para dentro, e se demorar nessa contemplação do que se foi e do que se é. É preciso muita coragem para fazer esse movimento, pois esse nem sempre é um trabalho fácil e prazeroso, pelo contrário, muitas vezes é uma tarefa dolorosa e angustiante. É preciso mais coragem ainda para se mostrar, para se expor em forma de texto, para se deixar ler, para se vulnerabilizar, para se permitir ser humano. Nem todos deram conta dessa tarefa e alguns desistiram no meio do caminho, pois “cada um alcança a verdade que é capaz de suportar” (Lacan) e está tudo bem.

O que posso dizer é que me esforcei para acompanhar as metáforas do lápis, do papel e do traço que a Bruna trouxe, no primeiro texto, mas acho que consegui. Me emocionei com as várias identidades aparentemente antagônicas assumidas pelo Carlos e me perguntei: como pode uma pessoa dar conta de tantas tarefas e de tantas paixões em uma vida só? A impressão que tive é que ele vive por dois, fiquei com vontade de sentar com ele e conversar mais sobre isso. Me perdi e me encontrei nos muitos “eus” do Diogo e me senti parte da sua confraria onde todos são pura emoção, seria redundância dizer que me identifiquei. Me enfureci junto com o Eduardo quando ele contou o caso das crianças que eram impedidas de sair da sala de aula, fiquei com vontade de chamar a polícia, de ir até aquela escola e gritar, brigar, protestar,

SUMÁRIO



tacar fogo na rua e chamar a imprensa até que alguma coisa fosse feita para barrar tamanha tirania. Me entristeci e me alegrei com a trajetória da Laís e fiquei pensando no quanto divagamos e nos perdemos pela vida até encontrar o nosso verdadeiro caminho e o nosso lugar, então lembrei de uma música do Chico César que diz assim:

[...]

*Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber
Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído, espalhar bem-querer*

[...]

Com a Michele fiquei lembrando da minha rotina exaustiva na Educação Básica e da loucura que é trabalhar 40 horas na sala de aula, sem tempo para planejar, para corrigir, para respirar. Hoje não consigo mais me imaginar fazendo isso, mas por incrível que pareça, essa é a realidade de muitas professoras e professores nesse país. Fiquei feliz ao ver o engajamento

sincero e a preocupação dela com o bem-estar e com o futuro dos alunos. Isso me fez voltar a ter esperança em dias melhores.

Com o Valter me pus a pensar sobre o que, ou quem, nos leva a ser professor/a? É realmente uma escolha? Somos ou estamos professores? Lembrei que há poucos dias fiz uma consulta com uma Astróloga Védica (porque sim, eu acredito que todas as formas de conhecimento são válidas e importantes) que me disse, olhando o meu mapa astral, que eu não poderia ser outra coisa senão professora. Isso não só acalentou o meu coração como me fez refletir sobre a falsa sensação que temos de poder controlar as coisas da nossa vida e sobre como essa ilusão nos leva à frustração, à depressão, à ansiedade e ao medo. O texto do Valter também me fez pensar sobre o papel social da escola, sobre o quanto as necessidades vitais humanas vêm antes da educação escolar e sobre a importância de professores estarem sempre atentos aos sinais dos seus alunos. Não é possível pensar em educação sem saúde, comida e segurança.

Por fim, posso dizer que todos os textos me afetaram profundamente de diferentes formas, eles me provocaram sentimentos, dúvidas, memórias... Fui simplesmente tomada por cada uma das histórias e não conseguia parar de ler página após página. É o tipo de

SUMÁRIO



sensação que temos quando nos embrenhamos numa conversa boa com alguém e não percebemos o tempo passar, quando termina pensamos: que pena que acabou! É assim que me sinto agora.

As experiências vividas agora são memórias e saúde. Que bom que agora temos este livro para guardar e recordar o que se foi!

O amor não é sobre alguém. O amor não é um tipo de ato. O amor é o que você é.
Sadhguru

SUMÁRIO



“SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA” OU INFORMAÇÕES SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Angela M Guida. Ganhei vida nas letras e na literatura, mas tomei gosto por me aventurar por outros lugares e conquistei, na educação matemática, o apelido de professora trans (ou me autodenominei?). Fiz um doutorado para descobrir o que era o tempo, mas acabei como Santo Agostinho “se não me perguntam o que é o tempo, eu sei, mas se me perguntam, já não sei mais o que é”. Então, não cometam a indelicadeza de me perguntar o que é o tempo. Meu amor por animais, em especial, pelos felinos me conduziu a um pós-doc em devir-animal, com a desculpa de que queria entendê-los melhor. Besteira. Meu maior professor estava dentro de casa: Vladimir, meu gato (às vezes duvido desse possessivo), com quem dividi a casa por 18 anos. Na segunda década do ano 2000, deixei para trás as montanhas de Minas Gerais e vim me aventurar pelo cerrado de Manoel de Barros. Na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, vou, desde então, cometendo errâncias de toda natureza. Para quem quiser uma apresentação formal, com pompa e circunstância, segue o link do lattes. Para quem quiser compartilhar histórias de errâncias segue meu e-mail: angelaguida.ufms@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9508749051233288>.

Bruna Letícia Nunes Viana. A ideia de ser professora nem sempre se passou pela minha cabeça. Foi no último ano do ensino médio que o gosto pelas ciências exatas passou a fazer parte da

SUMÁRIO



minha vida. Sem saber ao certo o que fazer, comecei, em 2012, minha graduação em Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, período em que descobri verdadeiro amor pela sala aula e pela pesquisa. Atualmente, curso doutorado em Educação Matemática, na mesma, onde também obtive meu título de mestra. Atualmente tenho pensado em aliar estudos feministas ao campo da Educação Matemática. Para me distrair, costumo fazer caminhadas ao som de música popular brasileira, ou passeios de bicicleta. Recentemente descobri o gosto pela jardinagem, e também incluí o cultivo de algumas plantas em minha rotina. e-mail: brunanunes.v@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4914444828727497>.

Eu, **Carlos Rodrigo Ozuna dos Santos**, amante da música, sou professor por vocação e policial militar no estado de Mato Grosso do Sul há 11 anos por dedicação. Nasci em 23 de novembro de 1988, estudei praticamente toda minha formação básica na Escola Estadual José Maria Hugo Rodrigues (2005), sou licenciado em Matemática pela Universidade Anhanguera Uniderp (2014), especialista em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Mato Grosso do Sul (2018) e atualmente mestrando em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Sou casado há 12 anos e tenho uma linda filha chamada Ester, de 2 anos de idade. e-mail: crozunasantos@hotmail.com ou rodrigo.ozuna@ufms.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3403407396357956>.

Diogo Chadud Milagres. Filho de mineiro e paulistana, neto de portugueses e sírio, bisneto de negra e índia. Já habitou São Paulo, Dourados, Campo Grande, São José dos Campos, Jacaré, Nova Andradina, Anastácio. É pai de três filhas, adora música, arrisca tocar um violão, São Paulino (mas, de leve), não dispensa um bom churrasco ou uma massa com molho

SUMÁRIO



encorpado, ao sugo. Estudo em colégio militar, colégios civis, da rede privada, da rede pública. Fez engenharia, depois cursou matemática, ministrou aulas de Física, Matemática, no ensino fundamental, médio, superior, ministrou disciplinas específicas em cursos médio-técnicos, cursos de tecnologia (ensino superior), trabalhou com os jovens e adultos no EJA, no EJA-técnico (PROEJA). Enfim, nessas andanças me tornei e me entornei, rejuntei, reconstruí, e me esfaleci novamente, nesse processo infinito que os devires me possibilitam, mesmo numa caixinha espaço-temporal que pode até aprisionar meu corpo, mas nunca ceifará meus voos oníricos. Ah, e nas horas vagas – as melhores! – eu me deleito em um programa de doutorado na UFMS. e-mail: diogo.chadud.milagres@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2178200440296535>.

Eduardo Mariano da Silva. Quem é o professor Edu? Costumeiramente as pessoas enunciam nossa titulação, de ser licenciado em matemática, mestre em Educação Matemática e doutorando em Educação Matemática pela UFMS, mas isso diz quase nada sobre mim. Poderíamos começar assim, sou gay cis, oriundo do campo e filho de trabalhadores rurais, que gosta de cultivar cactos, ama cozinhar e comer, é adepto a temperos naturais. Sinto, quase que sempre, a necessidade de me desligar de tecnologia e da sociedade urbanizada e me exilar no campo, de entrar em contato com a natureza. Atualmente, venho fazendo estudos de gênero e sexualidade, em especial, ligado a pauta LGBTQIA+, esses estudos têm possibilitado a me conhecer melhor e me permitir mais, me dá fome de esperança, me dá sede pela realização do sonho de construir um mundo mais justo, em que todos possam existir sem discriminação, preconceito, ameaças de morte ou mortes ritualísticas, um mundo que ponha fim ao patriarcado, às fobias, às abjeções. Para mim, a vida é uma aula. e-mail: eduardomariano92@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0902223726506284>

SUMÁRIO



Laís Carvalho Vieira Barbosa, a Laís, irmã do Diego. Tenho 33 anos, nasci no último dia do ano 1987, moro em Campo Grande – MS. Minha mãe se chama Dirce Carvalho Vieira e meu pai Manoel Batista Vieira e meu irmão se chamava Diego que infelizmente faleceu em 10 de agosto de 2015 com apenas 26 anos. Morei com meus pais até meus 30 anos e nesse período engravidei e continue morando com eles, tenho ótimas lembranças da minha vida durante esse tempo, porém tem um momento que foi e ainda é difícil a todos nós, que foi a perda do meu irmão. Hoje sou casada com Elton Fernandes Barbosa há 3 anos e juntos temos o Antônio de 2 anos e Guilherme do meu primeiro relacionamento que tem 10 anos que mora conosco. Sou professora de educação infantil há 8 anos e efetiva na REME desde 2013. e-mail: lais.ufms@gmail.com.

Michele Cristina da Silva. Sou mãe de João Miguel que tem 7 anos e de Marshall que é nosso cãopanheiro há pouco mais de um ano. Licenciada e mestra em Matemática pela Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão e professora da Rede Estadual de Educação de Goiás desde 2004, atuando no Colégio Estadual Maria das Dores Campos e com uma curta atuação no Colégio Estadual João Netto de Campos. Estou cursando o primeiro semestre do doutorado em Educação Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sendo orientada pelo professor João Ricardo Viola dos Santos. e-mail: cristina.michele@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6260535016356121>.

Patrícia Graciela da Rocha. Sou mulher, mãe, esposa, amiga, filha, neta, irmã, professora... dentre tantos outros personagens que assumi ao longo da vida. Nenhum deles me define, mas, ao mesmo tempo, todos eles me constituem. Para chegar à vida acadêmica passei pelo curso de Letras Português e Espanhol (URI/FW) porque era fã da Skakira. A paixão pela língua espa-



SUMÁRIO

nhola me levou desde muito cedo para a sala de aula, na longínqua e provinciana Tenente Portela – RS. Como sempre senti que aquele não era o meu lugar (em todos os sentidos), fiz uma especialização em uma cidade vizinha (UNIJUÍ/Santa Rosa – RS) para aprender a pesquisar, ali conheci a sociolinguística, ganhei asas, e nunca mais larguei dela. Depois disso, levantei voo e fui para Florianópolis – SC, onde fiz mestrado em dialetologia para tentar entender a minha identidade fronteiriça, gaúcha, mestiça, misturada... e doutorado em sociolinguística para tentar compreender as relações hierárquicas de tratamento que me afetam e me constituem (UFSC). Na busca pela “parte que me cabe nesse latifúndio”, deixei pra trás os ventos gelados do sul e vim parar na calorosa Campo Grande – MS onde trabalho e vivo desde setembro de 2009, embora não viva trabalhando. Gosto muito da vida universitária, mas também gosto de viajar, dançar, costurar, jardinar, inventar eventos sociais, tomar vinho e café com as amigas e de longas conversas sobre si. Enfim, vivi muitas experiências interessantes e gosto de muitas coisas, mas elas não cabem no lattes, mesmo assim, se alguém se interessar por ele, o link está abaixo: e-mail: patrigraciro@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2285085743040936>

Valter Rocha da Silva, (39), pai de Murilo e Isabelle e esposo de Raquel, passei a maior parte da minha existência no pacato distrito de Riacho Fechado, pertencente ao município de Tacaimbó, e foi lá que dei meus primeiros passos como gente e professor; hoje, resido na vizinha e acolhedora cidade de São Caitano, no interior de Pernambuco. Sou licenciado em Matemática, com mestrado em Ensino de Física (UFPE), e professor da Rede Estadual de Educação de Pernambuco desde 2006, tendo atuado também como gestor escolar e coordenador pedagógico (minha atual função); tive uma rápida passagem pelo mundo da política, quando fui secretário municipal de educa-

ção, em Tacaimbó. Além disso, atuo na formação continuada de professores e sou docente nas áreas de física e matemática em cursos de licenciatura (atualmente na UFPE). Já fui acordeonista profissional e sou entusiasta da cultura regional e da música instrumental nordestina. Acredito no poder transformador da educação, e que um professor com “P” maiúsculo tem o potencial de inspirar gerações de alunos. e-mail: valter.rocha@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8626946783606542>.

SUMÁRIO



ÍNDICE REMISSIVO

A

adolescentes 80, 104
 AEE 112, 113, 114
 aprendiz 37, 38, 52
 aprendizagem 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 48, 69, 85, 106, 109, 110, 113, 114, 124, 127
 atividades diversificadas 94, 106
 aulas de matemática 80, 83, 104

B

BV 112, 113, 114

C

Campo Grande 20, 52, 56, 57, 62, 92, 93, 140, 142, 143
 comunidade indígena 40, 41, 42, 45
 conhecimento 44, 53, 54, 70, 75, 88, 111, 120, 122, 123, 124, 128, 130, 132, 137
 covid-19 30, 81, 85, 100

D

diálogo 27, 28, 32, 33, 34, 70, 79, 88, 121
 dificuldades 95, 107, 109
 disciplina 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 29, 32, 35, 79, 96, 97, 104, 105, 133

diversidade 82, 97
 docência 55, 67, 100

E

educação matemática 13, 16, 19, 24, 29, 59, 96, 97, 133, 139
 EJA 102, 104, 105, 125, 141
 EM 80, 81, 85, 86, 88, 89, 102, 104
 Ensino Fundamental 80, 102, 105
 Ensino Médio 80, 81, 102, 104
 ensino remoto 22, 23, 105, 106
 escola pública 80, 95, 110, 123
 espaço de convivência 21, 26, 27, 69, 126
 estória 15
 estudante 70, 72, 80, 81, 85, 107, 110, 123

G

gatos 16, 17, 18, 20, 21, 128

I

identidade 25, 34, 118, 143

M

matemática 13, 16, 19, 22, 24, 29, 33, 41, 43, 44, 46, 47, 51, 52, 55, 57, 58, 59, 64, 74, 79, 80, 82, 83, 95, 96, 97, 104, 105, 106, 110, 122, 127, 133, 139, 141, 144



mestrado 58, 59, 96, 97, 98, 99,
114, 143
música 22, 56, 57, 59, 68, 82,
120, 121, 136, 140, 144

N

Nova Lima 92

P

pandemia 22, 81, 85, 103, 105,
106, 124
Pedagogia 91, 92, 93
PIBID 79, 86, 113, 115
polícia 52, 54, 58, 60, 135
policia militar 51, 54, 55, 56, 140
prática docente 91, 94
processo seletivo 59, 62, 97, 98
professor 13, 14, 25, 26, 27, 28,
29, 32, 34, 37, 44, 45, 48, 52, 53,
54, 56, 58, 60, 61, 62, 63, 67, 68,
69, 71, 72, 74, 75, 79, 80, 83, 85,
86, 87, 88, 103, 106, 107, 109,

111, 117, 118, 119, 120, 121, 122,
123, 124, 125, 126, 128, 129, 130,
131, 137, 139, 140, 141, 142, 143,
144
projeto 42, 56, 91, 98, 103, 133

S


sala de aula 27, 32, 33, 47, 54, 57,
64, 71, 74, 87, 95, 102, 105, 106,
107, 108, 112, 114, 119, 120, 121,
123, 135, 136, 143
salário 55, 63, 108, 129
São Paulo 49, 52, 140
sociedade 52, 64, 65, 124, 141

U

UFCat 113, 114, 115
UFMS 16, 32, 59, 91, 97, 102, 141
Uniderp 92, 140
universitária 99, 143

SUMÁRIO






organizadoras
Angela Guida
Patrícia Rocha

DE PROFESSORES:

para uma política
da artistagem
docente



www.pimentacultural.com

 pimenta
cultural